

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
LICENCIATURA EM DANÇA

TAYANE KEROLLEN ALVES DA SILVA

**ESCOLA: QUANDO O ENSINO DA DANÇA PROPÕE REFLEXÕES  
ACERCA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

Manaus/AM

2023

TAYANE KEROLLEN ALVES DA SILVA

**ESCOLA: QUANDO O ENSINO DA DANÇA PROPÕE REFLEXÕES  
ACERCA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo – Universidade do Estado do Amazonas, como requisito final para a conclusão de Curso.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Érika da Silva Ramos

Manaus/AM

2023

TAYANE KEROLLEN ALVES

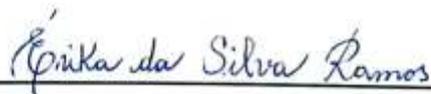
**ESCOLA: QUANDO O ENSINO DA DANÇA PROPÕE REFLEXÕES  
ACERCA DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Nota Final: 9,6

Manaus, 27 de março de 2023

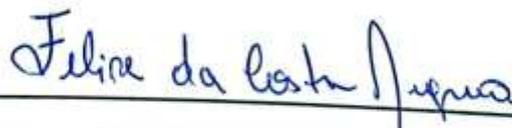
**Banca Examinadora:**



Profa. Dra. Érika da Silva Ramos



Profa. Dra. Amanda da Silva Pinto



Prof. Me. Felipe Negrão

Dedico este trabalho a Deus e a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada.

## AGRADECIMENTOS

À Deus toda honra, glória e louvor, que me direcionou para começar essa jornada e sempre segurou minhas mãos nos momentos mais difíceis, por ele me movimento.

A minha família, onde encontro apoio e forças para continuar, *mamy, papy* e irmão - (chato) amo vocês, obrigada por cada sorriso, lágrimas, orações e abraços. As minhas amigas tão queridas, que são presentes de Deus em minha vida, Jack, Ver, Tânia, Brisa, parceiras de choros, risos, sou grata por todas as orações, o acolhimento, os momentos de partilha, as caronas, as comidinhas incríveis que sempre me salvavam quando chegava da faculdade ou quando estava tão focada e não parava para comer (gratidão). Vejo o cuidado de Deus em todos os detalhes e chegar até aqui se tornou possível graças ao acolhimento de todos vocês.

Às amigas dessa caminhada acadêmica Ester, Dreyne, Bianca e Jadila, companheiras de momentos inesquecíveis, de gargalhadas que nos salvaram de dias turbulentos, companheiras de passar estresse, de estudos, puxões de cabelo, correria de provas e muitas histórias nos corredores da ESAT. À minha orientadora Érika Ramos - Penélope pelos conselhos e direções, mesmo nos momentos difíceis. E finalmente, a todos os professores excepcionais que passaram por minha trajetória quanto futura profissional da Dança.

"A dança é uma das formas mais perfeitas de comunicação com inteligência infinita."

Paulo Coelho

## RESUMO

Este estudo apresenta questões acerca do Ensino da Dança no âmbito escolar com intuito reflexivo acerca de tema social, o trabalho intitulado “Escola: Quando o Ensino da Dança propõe reflexões acerca da Violência Simbólica” é resultado da pesquisa de estudo de campo exploratória e qualitativa. O objetivo central do trabalho é abordar a relação “dança-educação x violência simbólica” enquanto potencialidade aplicada ao ensino fundamental II. Os envolvidos na pesquisa foram alunos do 9º com idade entre 14 e 15 anos de uma escola estadual Manaus -AM. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e também pela observação da dinâmica grupal. A interpretação do material deu-se pela análise de conteúdo. Os principais resultados nos mostram que o tema proposto é pertinente, podendo no futuro ter um aprofundamento maior quanto ao corpo que se move, observa e experimenta. O adolescente tem a possibilidade de ler criticamente a sociedade em um processo de identificação, através da linguagem da dança, se aprofundar e potencializar reflexões sobre questões complexas.

**Palavras-Chave:** Educação. Dança. Autonomia. Criticidade. Violência simbólica.

## **ABSTRACT**

This study presents questions about the teaching of dance at school with the purpose of reflecting on a social issue. The paper entitled "Escola: Quando o Ensino da Dança propõe reflexões acerca da Violência Simbólica" is the result of exploratory, qualitative field study research. The central objective of the work is to approach the relation "dance-education x symbolic violence" as a potentiality applied to elementary school II, dialoguing with content by Marcia Strazzacappa, Isabel Marques and Pierre Bourdieu. Those involved in the research were students of the 9th grade of Carvalho Leal State School, Manaus-AM, with ages between 14 and 15 years old. The instrument of data collection was weekly meetings with classes and informal interviews conducted with the class, the interpretation of the material was given by content analysis. The main results show us that the proposed theme is pertinent, and that in the future it may have a deeper understanding of the body that moves, observes, and experiments. The adolescent has the possibility to critically read society in a process of identification, through the language of dance, to deepen and potentiate reflections on complex issues.

**Keywords:** Education. Dance. Autonomy. Criticality. Symbolic violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Início de movimentos

Figura 2: Rodízio dos 4 fatores do movimento

Figura 3: Analisando Músicas

Figura 4: O que essa Música diz?

Figura 5: Movimento

Figura 6: Descrição do movimento

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO E ARTE/DANÇA NA ESCOLA</b> .....	<b>13</b>
<b>2 CAPÍTULO II - ENSINO FUNDAMENTAL II E O ADOLESCENTE</b> .....	<b>20</b>
2.1 ENTENDENDO O ENSINO FUNDAMENTAL II E A ARTE .....	20
2.2 ADOLESCENTE, O ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL II .....	23
<b>3 CAPÍTULO III – VIOLÊNCIA SIMBÓLICA</b> .....	<b>29</b>
3.1 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ÓTICA DE PIERRE BOURDIEU .....	29
3.2 IDENTIFICANDO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA .....	31
<b>4 CAPÍTULO IV – PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	<b>34</b>
<b>5 CAPÍTULO V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS</b> .....	<b>37</b>
5.1 ENCONTRO 1 – Violência invisível?.....	38
5.2 ENCONTRO 2 – Rodizio dos 4 fatores do movimento .....	42
5.3 ENCONTRO 3 – Letra e Música.....	46
5.4 ENCONTRO 4 - Em dança, em reflexão. ....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

Esse corpo que dança na escola, é o mesmo corpo que pinta, joga, canta, representa e se movimenta de várias maneiras em certos momentos da vida,

...portanto, é através deste corpo e não apenas pelo intelecto, que o homem entra em contato com o mundo. Assim, o conhecimento é construído na experiência que acontece na luta cotidiana com a realidade social e o mundo físico, tendo, indubitavelmente, uma dimensão sensório-corporal (PENNA et al., 2001, p. 137-138).

No meio dessa realidade social venho com a escolha desta temática, que se deu através de minhas experiências como acadêmica de licenciatura em dança, onde foi possível vivenciar e conhecer a dança de maneira mais profunda, abrindo possibilidades que antes não percebia sobre dança e educação.

Esse estudo visa investigar como as aulas de dança na disciplina de artes na Escola Estadual Carvalho Leal localizada na cidade de Manaus no bairro Cachoeirinha podem trazer reflexões sobre violência simbólica no âmbito escolar com alunos do 9º ano. A pesquisa vem propor uma abordagem teórica em Bourdieu (1989), Marques (2010), Strazzacappa (2012), entre outros estudiosos. Ao investigar tais processos metodológicos os alunos no ensino de dança serão estimulados corporalmente e artisticamente com temas relevantes para seu desenvolvimento individual e coletivo. A proposta metodológica permeia sobre a releitura de uma obra artística com finalidade reflexiva, onde ao observarem e perceberem a música proposta, os alunos serão questionados quanto ao conteúdo desta através do corpo. O que é dito nas entrelinhas do que consumimos nas mídias?

O interesse pelo tema surgiu através das vivências e das observações no âmbito escolar. Enquanto estagiária com os adolescentes no projeto de residência pedagógica realizado pela Universidade do Estado do Amazonas, pude observar na sala de aula, o comportamento dos alunos em situações delicadas de desrespeito, agressões verbais e comportamentais entre outros apontamentos explícitos e implícitos. Durante o processo de observação dentro do estágio estive com a turma do 8º ano onde presenciei uma cena de violência entre os próprios alunos, com falas agressivas e desrespeito (machismo e homofobia). A situação me levou a questionamentos: como incentivar os alunos quanto ao olhar crítico sobre temáticas sociais, como explicar, a violência implícita e explícita que ocorre no meio onde

convivem, seja na sua família, na escola, etc.? Poderia trazer tais reflexões em corpo através da dança?

Venho propor com a pesquisa momentos mais leves e admissíveis de criação de pensamentos reflexivos sobre as relações de violência simbólica através da linguagem da dança. Quando falamos da arte na educação temos um panorama diversificado de possibilidades, todos ao se envolverem com a arte são estimulados por sua sensibilidade, o ensino e a aprendizagem tornam-se mais criativos, dinâmico e diverso, podendo ser transversais por várias outras linguagens como desenho, música, teatro, cinema entre outros. Venho investigar tal aprofundamento, pois o ensino da dança pode proporcionar um avanço no contato do aluno enquanto ser individual e coletivo, expandindo um olhar mais sensível quanto à questão da educação e utilizar dos recursos do ensino de dança para abarcar tons necessários como sociedade, política, noções de justiça e autonomia crítica é importante para os dias atuais.

Dito isso a proposta de estimular o desenvolvimento dessa consciência mais analítica trazendo temáticas que se aproximem da realidade dos adolescentes com investigações nos processos metodológicos é de suma relevância, pois eles estão sendo preparados para os desafios da vida adulta, tal vivência é positiva para seu olhar e pensamentos de mundo. Pensado nessa etapa do desenvolvimento humano, a adolescência e seus desafios na maturação da criticidade venho com a questão: Como consiste a relação “dança-educação x violência simbólica” enquanto potencialidade aplicada ao ensino fundamental II e quais são as reverberações deste tipo de trabalho a partir de vivências em aulas de artes?

Para chegar nos objetivos dessa pesquisa o percurso metodológico é de natureza básica, com abordagem qualitativa e fenomenológica, ambas procuram resultados a partir da experiência do indivíduo. A pesquisa possui características exploratórias e com a técnica de estudo de campo, já que houve busca de forma presencial de mais informações do fenômeno estudado. Para a coleta de dados utilizou-se a análise de conteúdo, tendo a pesquisadora ministrado encontros com vivências de corpo, entrevistas informais, individuais e em grupo.

Os sujeitos desta pesquisa foram adolescentes do 9º ano do ensino fundamental II, com idade entre 14 e 15 anos de ambos os sexos. O local do estudo foi a Escola Estadual Carvalho Leal, na rua Borba, S/N na zona sul da cidade de Manaus -AM.

O trabalho em primeiro momento divide-se em três capítulos, fundamentado por teóricos que somam a dança e as leis sobre a arte na escola, abarcando a trajetória da educação e arte, também como a dança no Ensino fundamental II vem sendo trabalhada. O capítulo aborda também uma das principais fases do desenvolvimento humano a adolescência, onde o aluno do fundamental II está nessa transição de poder compreender o seu corpo e o seu contexto cultural dentro do ambiente escolar. Através da arte conseguimos acessar lugares de fala com mais sensibilidade e criatividade

No capítulo VI trataremos das questões metodológicas da pesquisa, como mencionado anteriormente. No capítulo V traremos os resultados e discussão, onde foi observado nos relatos contidos nas entrevistas dos estudantes que a linguagem da dança é uma possibilidade de escuta, percepção e análise crítica. É possível desenvolver metodologias que os façam ler o mundo de uma maneira mais poética e sensível acerca de assuntos densos e questões sociais.

## 1 CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO E ARTE/DANÇA NA ESCOLA

A educação é um direito civil, pois é garantida pela legislação brasileira como direito do indivíduo independente de sua situação social, econômica e cultural, é, portanto, também um acesso político, pois é desejável que os indivíduos sejam informados sobre a realidade, necessitando saber analisar atitudes que são divergentes, elaborar críticas, se posicionar, fazer valer suas reivindicações e exigências através do diálogo, assumir responsabilidades e obrigações. Habilidades que cabe a escola também desenvolver, tais capacidades necessárias para a real participação na vida pública exige que os indivíduos vivenciem no âmbito escolar processos de aprendizagem que desenvolvam o senso crítico sobre questões sociais, culturais, políticas entre outras (BRASIL, 2013).

Muito se discute e reconhece sobre a educação e sua responsabilidade na formação e no desenvolvimento do ser humano, dentro de suas dimensões intelectual, física, social, ética, moral e simbólica (BRASIL, 2017). Conforme com a seção III do Ensino Fundamental, do art. 32 é mencionado na LDB que é essencial o aluno ampliar sua compreensão do ambiente social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

Dentro do sistema escolar observa-se a necessidade de percorrer outros caminhos para o processo de ensino, para com isso visualizar no futuro cidadãos mais ativos e conscientes na sociedade. A escola deve possibilitar aos alunos conteúdos integrados com problemáticas práticas e mais participativas, possibilitar o experimentar com o auxílio da teoria (LIMA; NASCIMENTO; FARIAS, 2011).

É de suma importância à formação de uma consciência crítica nos estudantes, principalmente nos dias atuais com as informações chegando com velocidade através da tecnologia, tornando instantâneo e superficial o conhecimento. Reforça-se a urgência de educar os alunos para alcançarem a autonomia e consciência crítica investigadora da realidade, daquilo que é imposto a eles nas mídias e meios de comunicação (LIMA; NASCIMENTO; FARIAS, 2011). A educação na era da globalização enfrenta desafios a serem vencidos ao decorrer dos anos, com o aceleração das informações novos caminhos para a metodologia em sala de aula são necessários. Isto posto seria a arte um meio educacional adequado para produzir, falas e argumentos carregados de potência intelectual sobre a sociedade.

A aula de arte dentro desse processo de aprendizagem, pode ser grande aliada no desenvolvimento do aluno.

Segundo Robatto (2012 *apud* ARAÚJO, 2021), a arte é essa representação poética que é particular ou coletiva de uma realidade, partindo do imaginário simbólico de um povo, um grupo, de uma cultura. É no desenvolvimento das atividades artísticas que o indivíduo possui a possibilidade de resgatar as suas culturas ancestrais, visualizando significados poéticos para sua vida. O significado da palavra Arte é tão somente “técnica ou habilidade” ela vem do latim “Ars”, é uma manifestação humana de comunicação bastante antiga, possuindo um caráter estético ligada totalmente às sensações e emoções do ser humano (ARAÚJO, 2021). Ou seja, ela consegue adentrar em lugares sensíveis de uma pessoa que são essenciais para ampliar sua consciência afetiva e social.

De certo que ao acolher a Arte como área de conhecimento e desenvolve-la na formação do ser humano observamos várias contribuições, principalmente destacamos acerca de sua colaboração com a construção de pensamentos críticos e reflexivos. Através da Arte o indivíduo se torna mais sensível em aprender a respeitar e incluir as diferenças, ampliando assim suas percepções sobre sociedade, política, sua intuição, sua imaginação e criatividade também, o que auxilia em encontrar soluções para questões do seu cotidiano (ARAÚJO, 2021).

No contexto escolar a Arte possibilita ao aluno um caminho de desenvoltura à expressão pessoal e cultural, utilizando de imaginação e criatividade para apreender a realidade do ambiente que está inserido e praticar o senso crítico. Com isso, esse estudante tem em mãos um instrumental muito importante para desenvolver sua identificação cultural (ARAÚJO, 2021).

Dentro das competências específicas de arte voltada para o ensino fundamental, por exemplo, de acordo com a BNCC é essencial explorar, fruir e analisar criticamente as produções artísticas e culturais. Passando a reconhecer que a arte é um fenômeno cultural, histórico, social e sensível para olhar contextos distintos permitindo um diálogo com as diversidades na sociedade. O documento também menciona à importância de problematizar as questões políticas, econômicas, sociais, tecnológicas e culturais através de intervenções apresentações e produções artísticas em geral (BRASIL, 2017). Por meio da arte as contribuições de interações mais reflexivas e críticas ganham espaço com os alunos abrindo

possibilidades para diálogos de respeito às diferenças, falas interculturais importantes para a prática da cidadania consciente (BRASIL, 2017)

A reflexão é esse processo de construir argumentos, é a atitude de entender e analisar as manifestações culturais e artísticas sendo criador ou leitor. A crítica é as impressões que incentivam o sujeito para o caminho de novos entendimentos do ambiente em que estão inseridos, pensamentos afirmativos abarcando aspectos políticos, filosóficos, sociais, históricos, econômicos e culturais (BRASIL, 2017). Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) por exemplo, procuram contextualizar o que é ensinado, voltando para temáticas que os estudantes têm interesse e que seja de relevância para o seu crescimento como cidadão. Tendo em vista que o estudante termine sua educação formal reconhecendo e aprendendo sobre temas de importância para sua atuação na sociedade de acordo com Brasil (2019).

Através da Arte podemos potencializar a crítica tanto sobre conteúdos artísticos quanto sobre temáticas de caráter político com muita competência dentro da sala de aula. Desde a antiguidade o campo da arte nos cativa e gera muitas possibilidades, na contemporaneidade a ideia de arte ultrapassa limites muito importantes para a sociedade. Qualquer fonte artística colabora bastante na construção de pensamento crítico e reflexivo sobre o que existe ao nosso redor. Quando estamos de frente com a arte seja ela qual for, somos estimulados cognitivamente e em nossas relações afetivas e sociais, o conhecer a si mesmo e o conhecimento do outro são aprimorados, dentro de um processo de trocas (ARAÚJO, 2021).

O ensino da linguagem artística é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo, ambos desfrutam de realidades únicas, que a arte e o ensino nos permitem. Foi aprendendo socialmente que o ser humano pôde ensinar, um fator possível e necessário que ao longo dos anos aperfeiçoou-se entre métodos e técnicas e caminhos de ensinar. Ensinar e aprender estão caminhando lado a lado sem uma não existe outra como afirma Freire (2011).

Dentro do processo de aprender em Arte o aluno fica de frente a sensibilidade, a intuição, os pensamentos, as emoções e as subjetividades que aparecem como maneiras de expressão. A arte e a aprendizagem necessitam alcançar vivências, prática sociais para permitir aos alunos que criem. As manifestações artísticas não podem ser reduzidas apenas ao que é imposto pelas instituições culturais e veículos da mídia ou apenas como códigos e técnicas a

serem realizados. Toda prática artística é possibilidade para compartilhar conhecimentos entre os alunos, o processo de criação, as trocas e vivências, em conjunto com os professores e entre os próprios alunos devem ser entendidos como de grande relevância, pois tais atravessamentos constituem a percepção do que é Arte para o indivíduo. É, portanto no caminho do fazer arte, do fazer artístico que os alunos podem experimentar e desenvolvem sua poética pessoal. A soma dos conhecimentos, das técnicas e os processos produzidos em Artes visuais, Música, Teatro e Dança contribui para os saberes e práticas artísticas, permite a compreensão das relações entre contextos sociais e da interação de arte e a cultura (BNCC, 2017).

Esses atravessamentos buscam facilitar o processo de ensinar e aprender em arte, pois as vivências e experiências artísticas e os conhecimentos são organizados e estabelecidos por formas, realidades, dimensões verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, sonoras, com isso vale ressaltar a importância de tal contato e experiência subjetiva que a arte possibilita com os conhecimentos no componente curricular (BNCC, 2017).

Como outras manifestações artísticas a dança como área de conhecimento possui de intuição, de imaginação, emoção, expressão e comunicação, com o uso da memória, da interpretação, da análise e da avaliação crítica. Deste modo seus conteúdos específicos são organizados em três aspectos principais que são elencados conforme as necessidades do contexto sociopolítico e cultural em que se encontram os alunos (BRASIL, 1998).

Assim a aprendizagem da dança no contexto escolar necessita de técnica, habilidade e conhecimento para percorrer o caminho de criação e interpretação pessoal do aluno. Um processo crescente os princípios do movimento como equilíbrio, apoios, peso entre outros podem ser incluídos, noções de condicionamento físico, consciência corporal também poderá construir relações corporais críticas com maneiras diferentes de ver e sentir o corpo quando o mesmo está em movimentos diferentes (BRASIL 1998). A compreensão inclusive da improvisação, da composição coreográfica, da interpretação de diferentes culturas, épocas e estilos são processos da dança. É possível trabalhar com esses processos e entender que a dança não um simples “mover-se”, por meio dela podemos perceber e problematizar vários aspectos que relacionam o corpo, a dança e sociedade (BRASIL 1998).

A dança no cenário escolar tem um desafio a ser vencido nos dias atuais para mostrar sua potência como disciplina e importância no crescimento do aluno em sociedade, o professor tem o desafio de lançar aos alunos o contato com esta linda expressão artística, criando oportunidades aos discentes de ver a dança criticamente e de criar forma de contextualizar a sociedade e o mundo por meio do manifesto do corpo. De acordo com Tomazzoni, Wosniak e Marinho (2010) esse corpo que se manifesta é a expressão da cultura do ser humano, com várias dimensões, na política, economia, religião e onde o ser humano estiver inserido. Os movimentos de cada pessoa são construções sociais que tomam características, valores e funções em determinados contextos sociais e em épocas diferentes (PINELLI; LARA, 2007). E se falando de dança dentro do âmbito escolar deve-se ampliar a visão para a aprendizagem, quando falo de abrir um novo olhar para a dança na escola, quero frisar o fato de não priorizar apenas a execução de movimentos ou texto que são padrões impostos pela sociedade, não deve ficar apenas em atividades complementares de entretenimento como afirma Araújo (2021). É necessário um aprofundamento entre a arte e a educação e a sociedade, estimulando com isso novas metodologias que carreguem não apenas atividades complementares de entretenimento, mas atividades que permitam reflexões críticas que estimulem mudanças que permeiem a transposição entre as linguagens artísticas e visões de mundo/sociedade, dança/educação. De acordo com Marques (2010), o caminho do ensino e aprendizagem nas aulas de dança deve permitir redes de relações com abertura para diálogos críticos e participativos nos trânsitos sociais que os alunos estão vivenciando.

Consoante Marques (2010), a dança é grande potencial para dá sentido à vida das pessoas, porém tal potencial só pode ser explorado ao máximo quando existe uma estrutura, uma metodologia de ensino que dê ênfase a ela de maneira significativa. Dentro do projeto educacional existe a ramificação do conhecimento de si o que provoca a compreensão, o desconstruir e criticar, saber ler as constituições sociais em corpo, ou seja, no corpo dos alunos. Devendo ser levado a sério as relações entre corporalidade dos alunos a dança/arte e a sociedade com um todo.

Corroborando com esse discurso temos:

O que sou hoje é o resultado do que fui ontem e do potencial para o que serei amanhã. O corpo traz uma bagagem genética, da história individual e da história futura. Assim, tal tomada de consciência de si é, ao mesmo

tempo, o ponto de partida e de chegada das técnicas estudadas.  
(STRAZZACAPA, 2012, p.118).

Existe no corpo uma bagagem, essa bagagem que carregamos de nossa hereditariedade, trazemos nela nossas histórias individuais e coletivas que abrem oportunidades para produzirmos a história de amanhã, tomar consciência de si quanto esse corpo é um começo incrível para um olhar crítico acerca de si próprio e da vida em coletividade. O mais incrível nesse processo é o fator dança e educação como mencionado “Dança e educação são dois modos de ser e estar em sociedade, de conviver, de estar com, de viver, de ver” (TOMAZZONI; WOSNIAK; MARINHO 2010, p.26).

As áreas de conhecimento voltadas para o corpo são de grande relevância para a dinâmica de vincular temáticas sociopolíticas culturais. Os processos dos trabalhos artísticos devem permitir novos entendimentos de assuntos dentro da sociologia, filosofia, psicologia entre outros para melhorar a compreensão de que a arte da dança permite tais acessos e possibilidades. Com essa oportunidade é possível habitar e passar a entender espaços simbólicos, ter noções mais crítica quanto à desigualdade e relações de poder, afirma Marques (2010). Como é interessante aprender e ensinar a ler criticamente os textos do mundo por meio do texto de dança/arte que carrega significativas informações e perspectivas sobre os corpos em coletividade, esses corpos dançantes carregados de códigos que foram, ou estão sendo construídos e atravessados todos os dias (MARQUES, 2010).

Com a dança Marques (2010) questiona sobre o porquê de a compreensão da corporalidade dos alunos ficar de lado muitas vezes na sala de aula, tal diálogo crítico corporal voltado a temas sociais é muitas vezes ignorado. Em muitos países do mundo e no Brasil, a dança aparece como uma dança mais técnica com passos definidos com rigidez, com a falta de valorização das pessoas que dançam. Uma realidade triste da dança no Brasil é a pouca produção de pensadores e pesquisadores, existe uma lacuna, um vazio sistematizado sobre o conhecimento da dança atrelado a educação. Existe a falta de pesquisa em criação que necessita de incentivos e também a falta de pesquisa e investigação que provoquem reflexões, que traz oportunidade de conhecer, discutir conteúdos teóricos, essa falta é notória e vasta. Aos poucos acontecem mudanças em relação a essa questão com cursos superiores de dança e cursos de pós-graduação, com especialização, mestrado e

doutorado abrindo e ganhando mais espaço os estudos na área de dança se fortalecem de acordo com Strazzacappa (2003).

Para Strazzacappa (2003) é importante os profissionais da área de dança refinarem seus discursos sobre o conhecimento que detém e buscar utilizar seus próprios vocabulários é essencial superar e avançar para acabar com o chamado analfabetismo “teórico-reflexivo” que ainda impera na área de dança.

## 2 CAPÍTULO II - ENSINO FUNDAMENTAL II E O ADOLESCENTE

### 2.1 ENTENDENDO O ENSINO FUNDAMENTAL II E A ARTE

O direito a educação tem relação ao exercício da cidadania, pois através da educação é possível estimular o indivíduo a conhecer suas potencialidades sobre assuntos como direitos civis, políticos e sociais (BRASIL, 2013).

No século XX, na sua maior parte pode-se dizer que o Ensino Fundamental era o único grau de ensino que a população em sua maioria tinha acesso. Na virada da última década suas matrículas representava mais de  $\frac{3}{4}$  do total de alunos no sistema escolar brasileiro de acordo com Brasil (2013).

No Brasil, em 1934, a constituição determinou pela primeira vez a obrigatoriedade do ensino primário ou fundamental com 4 anos de duração. Além de, em 1967, ser ampliada para 8 anos essa obrigatoriedade em seguida, com a Lei nº 5.692/71 é alterada a estrutura do ensino unindo o curso primário e antigo ginásio em um único curso, chamado de 1º grau com 8 anos de duração (BRASIL, 2013). Algumas redes escolares adotaram uma expansão do Ensino Fundamental para 9 anos, devido a incorporação de crianças com 6 anos de idade, isso aconteceu antes da divulgação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) afirma Brasil (2013). Mais adiante com a Lei nº 11.274 datada em 6 de fevereiro de 2006 é alterada a LDB, as matrículas para o Ensino Fundamental com a duração de 9 anos se torna obrigatória a partir dos 6 anos de idade. Com tamanha mudança é colocado para os sistemas de ensino um prazo para tomarem as devidas providencias e ajustes para que o Ensino Fundamental de 9 anos seja garantido para todos a partir de 2010 (BRASIL, 2013).

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 3/2005, são duas fases do Ensino Fundamental de 9 anos de duração, a primeira fase é para estudantes com 6 a 10 anos de idade chamada de anos iniciais com duração de 5 (cinco) anos, e etapas finais para os de 11 à 14 anos com duração de 4 (quatro) anos (BRASIL, 2013).

Devido as transformações corporais e culturais, afetivo emocionais e sociais que as crianças passam nessa etapa na escola, é importante um olhar com mais sensibilidade para que eles construam sua percepção de autoimagem associado a seu desenvolvimento cognitivo, pois eles estão na busca de referências de valores

próprios e novas estratégias para lidar com as diferentes exigências que estão vindo de acordo com Brasil (2013).

Com as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental as ações pedagógicas no âmbito escolar devem ter princípios éticos da autonomia, do exercício da criticidade, os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. (BRANCO, 2006). O autor ainda expõe que a escola deve pontuar dentro das propostas curriculares, processos de ensino que tenha relação com a região, a comunidade local para obter essa conexão Educação Fundamental e a vida em sociedade. É importante no ambiente escolar os professores, os colaboradores e alunos contribuírem de maneira positiva na construção da identidade, essa tal identidade afirmativa, que seja persistente e capaz de gerar ações autônomas e solidárias de construção de conhecimentos e valores para a vida cidadã em geral (BRANCO, 2006).

A Educação Fundamental em nosso país possui o problema de distanciar a relação da vida e os processos sociais, ou seja, o academicismo se tornou um vilão e um atraso quanto as transformações que existem em nosso país e no mundo. Por conta disso a Educação Fundamental nas últimas décadas cai em uma escrita antiquada chegando a menosprezar a inteligência e capacidade tanto de alunos quanto de professores. A necessidade de atualização de conhecimentos e valores, dentro de uma perspectiva crítica, responsável e contextualizada é de suma importância de acordo com o art. 27 da LDB.

É, possível, no Ensino Fundamental através da linguagem da Arte permear novas leituras e percepções, auxiliando na necessidade de atualização de conhecimentos, com isso, aproximando o cotidiano e os processos sociais. Quando falamos da linguagem da Arte no âmbito escolar, observamos uma expectativa do Ministério da Educação para sua performance. Ao decorrer da sua trajetória no ensino fundamental os alunos necessitam crescer e ampliar seu olhar, vivenciar nas práticas artísticas uma reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos que experimentam, é preciso perceber a diversidade de conhecimentos que as práticas artísticas podem proporcionar e evidenciar temas de caráter social e político nessas vivências (BRASIL, 2017).

Segundo a BNCC o componente curricular Arte no ensino fundamental está centralizada nas linguagens como a Música, Artes visuais, o Teatro e a Dança por meio dessas linguagens deve-se articular saberes que envolvem as práticas de ler,

criar, construir, exteriorizar e refletir sobre as formas artísticas nos alunos. Sobre a seleção dos conteúdos específicos de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro para os terceiro e quarto ciclos, eles dependerão dos conhecimentos que foram adquiridos e trabalhos com os alunos nos ciclos anteriores, do investimento de cada município, estado ou região (BRASIL, 1998).

Nessa etapa da educação a disciplina de Arte possui um leque de possibilidades quanto a reflexões, trabalho em grupo e experiências individuais, assumindo um papel muito significativo na autonomia do aluno em seu percurso no Ensino Fundamental. Uma vez que a Arte aciona, posso dizer a “ogiva nuclear”, que é esse aluno, percebemos que quando de frente aos estímulos corretos, ele reverbera a Arte de uma forma mais reflexiva e consciente.

Certamente que a arte nem sempre se apresenta no cotidiano como “obra de arte” o que é um desafio para ser apresentado aos alunos, pois, nessa etapa da educação ainda não tiveram um aprofundamento mais detalhado. Entretanto é a chance que o professor de artes possui para apresentar uma nova percepção, fazendo-os observar a arte nas mais diversas maneiras. Por meio das Artes visuais, música, teatro ou dança, por exemplo, nos objetos, em vitrines, na música dos raps, na dança de rua, nas vestimentas e etc.

O incentivo à curiosidade pela manifestação artística de diferentes culturas, por suas crenças, usos e costumes, pode despertar no aluno o interesse por valores diferentes dos seus, promovendo o respeito e o reconhecimento dessas distinções. Ressalta-se, assim, a pertinência intrínseca de cada grupo e de seu conjunto de valores, possibilitando ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade (BRASIL, 1998, p. 62).

Dessa forma conduzir os alunos do Ensino Fundamental II na busca pela arte dentro de seu cotidiano, incentiva e possibilita trocas verdadeiras sobre si próprio e valorização do outro. Na medida em que os conhecimentos de arte estão sendo trabalhados o aluno se percebe e compreende com mais clareza a ela como componente curricular, o trajeto da disciplina passa por áreas complexas de sua linguagem, como vimos, as Artes visuais, a música, o teatro e a dança. Sobretudo, pontuando a dança observa-se uma visão ainda distorcida do que ela é de fato quanto potência na aprendizagem, podemos observar isso, tanto da parte dos alunos quanto pelos próprios professores e colaboradores da escola.

Segundo Brasil (1998) é frequente a justificativa de que a dança está presente no currículo das escolas fundamentais pela afirmação de que todos possuem a

dança espontânea e natural como um dom, apesar do costume de dizer que o brasileiro nasce dançando, ou que tem samba no pé, isso acaba sendo “reprimido pela escola”, tais afirmações apenas fazem com que a dança na escola se transforme em uma atividade sem muito sentido no âmbito escolar. Infelizmente é a leitura que grande parte dos alunos faz, porque devo dançar na escola, se já sei dançar? O autor continua afirmando que olhar para a dança e o corpo dessa forma desconsidera estudos na área da sociologia e antropologia sobre a construção do corpo em sociedade, inclusive desconsidera também o fato de muitos não possuírem a dança no sangue, por inúmeras razões e motivos. Brasil (1998, p. 70) afirma que “[...] assim, não se tem, necessariamente, um corpo que se movimenta no tempo e no espaço sempre que se dança”. Em suma, sempre se aprende, formal e/ou informalmente, como, por que e quando se movimentar e transformar esse movimento em dança.

Em síntese, notamos um amplo discurso acerca do Ensino Fundamental II brasileiro com suas diretrizes, sua organização e um panorama sobre a matéria de Arte nesta etapa da educação básica, contudo vale ainda identificar quem são os alunos que fazem parte desta etapa da educação, haja vista que conhecer (pelo menos em nível basilar) a fase de desenvolvimento humano em que está envolvido o seu aluno, é um pormenor que faz muita diferença no cotidiano didático do ensino de arte. Assim, no tópico seguinte tentaremos responder a indagação: em um contexto geral quem são os alunos do Ensino Fundamental II?

## 2.2 ADOLESCENTE, O ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

A fase da adolescência é repleta de vivências e transformações físicas o adolescente está vivendo também o crescimento na maturação cognitiva. Nesse momento não é apenas a aparência que o torna diferente das crianças, mais também os seus pensamentos que estão diferentes e em mudanças, alguns dos pensamentos ainda são imaturos em alguns casos, porém é nesse período que sua capacidade de raciocínio de forma abstrata o leva a elaborar juízos morais sofisticados, podendo olhar e planejar de maneira realista para o futuro (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Na educação dos adolescentes é necessário falar de vários assuntos que são importantes, por exemplo, o raciocínio, os pensamentos, ideias, maturação cognitiva são desenvolvidos e devem ser explorados de maneira correta para obter bons resultados, a escolaridade e a cultura no desenvolvimento de operação concreta são essências e muito importante no desempenho dos adolescentes como reconheceu Piaget (1972 *apud* PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Tendo em vista que a fase da adolescência é repleta de mudanças como mencionado acima, compreender esse adolescente na Educação Fundamental é primordial nessa fase delicada, para ser mais assertivo na sala de aula. No Ensino Fundamental regular se encontram crianças e adolescentes que estão em uma fase de desenvolvimento que é marcado por interesses próprios, referente a aspectos físico, emocional cognitivo e social com influências e com constante interação.

É nessa etapa da escolarização que os alunos entram na puberdade se tornando adolescentes, e como mencionado anteriormente eles enfrentam uma grande transformação na área biológica, psicológica emocional e social. Também nessa fase os adolescentes modificam, transformam as relações sociais e os laços afetivos, aumentando as relações com os pares de idade, aprendizagem sobre relações de gênero e sexualidade, com isso é acelerado a ruptura com a infância, no intuito e tentativa da construção dos seus próprios valores. Aqui se ampliam em vários aspectos as possibilidades intelectuais e de raciocínios mais abstratos dos alunos, se tornam capazes de ver as coisas do ponto de vista do outro, de certa forma avançando a questão do egocentrismo que tem na infância, esse crescimento é de suma importância para a construção da autonomia, de acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação (2013). Propiciar um ambiente que permita esse despertar ainda é um desafio dentro das escolas brasileiras.

Segundo Brasil (2013) é essencial o papel do professor e dos demais profissionais da educação criar e indicar aos alunos esse caminho das pedras, caminho que conduz e provoca no educando a necessidade de experimentar, vivenciar e pesquisar, trazendo a percepção ao aluno que tal atitude é uma conquista individual e coletiva, passar essa noção aos alunos é tarefa da escola, por ser esse palco de interações sociais e individuais.

Cada vez que observamos acerca da importância de construir no educando a autonomia, estamos propondo novas leituras e novas percepções quanto a sua

visão de mundo. Constantemente sendo bombardeados de informações através dos meios de comunicação os alunos mais do que nunca, necessitam de mecanismos que aperfeiçoem e tornem seus filtros mais apurados sobre o que consomem, inegavelmente a escola assume o lugar na aprendizagem e desenvolvimento desse cidadão.

É importante ressaltar acerca dessa exposição das crianças e adolescentes de praticamente todas as classes sociais, frente à mídia e a era da informação. Como por exemplo, as várias horas seguidas em frente à televisão, internet, que desencadeia maneiras de expressão nos alunos menos precisa e mais voltada para o universo das imagens, tornando mais desafiador o trabalho com a linguagem escrita com cunho mais argumentativo, onde a cultura da escola se baseia afirma (BRASIL, 2013). A realidade do aceleração dos meios de comunicação e informação na sociedade de mercado no qual vivemos, tem contribuído de maneira forte trazendo uma visão de mundo fragmentada entre as crianças e jovens nessa geração, através das mídias, essa fragmentação infelizmente distorce e banaliza os acontecimentos sobre problemas humanos e sociais que acontecem na sociedade. A escola deve contribuir para que os alunos consigam no futuro, assumir o papel de consumidores mais críticos quanto aos produtos que são oferecidos através desses meios de comunicação. É importante a escola pensar e se posicionar ao passo de valer dos recursos midiáticos como ferramentas dentro do processo de aprendizagem, algo que pode acrescentar na comunicação e diálogo de professores e alunos (BRASIL, 2013).

A mídia pode ser grande aliada no processo de aprendizagem quando utilizada dentro de metodologias que abram possibilidades de tais discursões. Com as temáticas transversais, por exemplo, é possível dentro da disciplina de geografia falar de conscientização ao meio ambiente. A linguagem da dança que podemos ver na disciplina de Artes torna possível novas trocas, como por exemplo, trazer os temas midiáticos em corpo, explicar questões de violência doméstica, feminismo, machismo ou racismo entre outros temas. Ora, que potência pode surgir dessa vivência? A dança, traz novas leituras de mundo ao indivíduo, o corpo, pode ser sensível ao ponto de perceber e viver leituras críticas quanto a assuntos da sociedade. Assistir à televisão, entrar nas redes sociais com uma percepção nova do que está sendo transmitido, observar de maneira mais detalhada o que é consumido

é uma maneira de ser um cidadão mais consciente no futuro. A escola faz parte desse processo de estimular os alunos para novas percepções de mundo.

A escola como instituição é responsável pelas crianças e adolescentes no processo de formação, ela é vista como um canal institucional que a família tem acesso. É essencial a escola estar atenta à tais temáticas e assuntos, como por exemplo, o abuso, a violência doméstica, à exploração sexual, cuidados com a saúde dos discentes, pois essas ecoam na aprendizagem e desenvolvimento do aluno. É primordial o trabalho coletivo dentro da escola quanto a essas temáticas de consoante Brasil (2013). Por isso na escola, nas disciplinas é essencial reforçar tais apontamentos, dentro da disciplina de Artes sem dúvida explorar e expressar as temáticas citadas acima se torna mais agradável e divertida conforme conduzido pelo professor. É através da Arte, com sua linguagem expressiva e de tamanha sensibilidade do ser individual e coletivo que podemos chegar nesses argumentos de maneira criativa e reflexiva.

Devido ao crescimento da “indisciplina” e da violência principalmente no meio das escolas nas grandes cidades, essas discursões se tornam de suma importância no âmbito escolar. É um desafio e tanto para os professores o processo de aprendizagem do aluno de frente a essas situações, pois, os mesmos desanimam, adoecem e muitos necessitam de licença para tratamentos de saúde. Sendo aqui eles, exemplos da violência das sociedades contemporâneas e principalmente exemplo da violência simbólica da cultura da escola. Tal cultura que impõe regras e normas que são postos como universais e rigidamente deve ser cumprida. Com esse panorama gera nos alunos dificuldades e impossibilitam entre eles o diálogo com sua cultura, levando na maior parte das vezes ao fracasso na escola de acordo Brasil (2013). Mediante esse contexto é essencial e primordial o trabalho coletivo entre as instituições, como a família a sociedade a escola com o intuito de valorizar a relação do ambiente escolar o professor e o aluno.

Em suma, no ensino fundamental o adolescente tem a possibilidade de ampliar sua visão de mundo, devido o acesso ao conhecimento ele tem uma via de mão dupla, podendo com o ambiente fértil, no caso a escola, desenvolver suas habilidades tanto intelectuais quanto instituir comportamentos e ações para viver em sociedade (BRASIL, 2013).

O aluno necessita compreender tanto os conteúdos escolares quanto saber se movimentar no âmbito escolar.

Ele costuma ir bem à escola quando compreende não somente o que fica explícito, como o que está implícito no cotidiano escolar, ou seja, tudo aquilo que não é dito, mas que é valorizado ou desvalorizado pela escola em termos de comportamento, atitudes e valores que fazem parte de seu currículo oculto (BRASIL, 2013, p 119).

Portanto o desempenho do aluno quando passa a compreender melhor o cotidiano escolar tende a ser melhor e mais proveitoso. Saber seus direitos e deveres é essencial para um bom desempenho e boas maneiras em sala de aula. É preciso cultivar um adolescente que pondera bem acerca dos conhecimentos futuros, como já dito, sobre sociedade, política, valores, economia entre outros assuntos.

O trabalho de transmitir tais apontamos aos adolescentes nessa etapa da educação não é nada fácil, é necessário um cuidado para passar os conhecimentos, tornando-os mais divertidos e ansiáveis. Se torna indispensável abraçar os alunos nessa fase, buscando compreender suas realidades socioeconômicas e culturais. A escola por fazer parte da sua trajetória de desenvolvimento como ser humano deve se tornar um ambiente acolhedor e fértil para seu sucesso na aprendizagem.

Para isso, acolher os alunos dos diferentes grupos sociais é de suma importância. Acolher é buscar meios, construir estratégias, usar métodos que beneficiem da melhor forma suas características cognitivas e culturais. O significado de acolher é, por exemplo, permitir aos educandos conhecer, se familiarizar com a realidade da cultura escolar, propiciar e incentivar alunos com mais dificuldades e menos oportunidades a ter esse entendimento. Garantir também que os discentes desenvolvam sensibilidade para olhar e usufruir da cultura que o cerca, que está na comunidade em sua cidade e em seu cotidiano. É possível por meio da escola, ensinar e adquirir cultura, saber lidar com as normas do espaço público, dentro dos espaços públicos, obter trocas e vivências que somam para um convívio democrático, permitindo o exercício ao respeito e diálogo consciente. Aqui o aluno acessa um nível de criticidade e aprende a tomar responsabilidades sobre o que é de todos (BRASIL, 2013).

Sem dúvida uma das maiores desigualdades educacionais são encontradas entre ricos e pobres, encontramos na nação brasileira uma grande disparidade socioeconômica que determinam as oportunidades e acessos dos alunos aos bens culturais. Frequentar o Ensino Fundamental nos mostra a grande diversidade sociocultural da população brasileira, fazendo com toda certeza, que venhamos

analisar o que é oferecido de forma precária na maioria das vezes, que é a educação, algo que restringe a oportunidade de aprendizagem das populações mestiças e negras, ribeirinhas, indígenas, dos moradores das áreas rurais, das crianças e jovens que vivem nas periferias urbanas, daqueles em situações de risco e das pessoas com deficiência (BRASIL, 2013).

Com o fim de tornar as ações pedagógicas mais pertinente é necessário que a escola esteja articulada com a realidade dos alunos, compreender seu universo cultural com essa diversidade econômica, social e cultural que possuímos em nosso país é essencial. A escola precisa se debruçar sobre o conhecimento da realidade em que vivem os alunos, além do mais, passa a ser uma condição importante para que os alunos se reconheçam como participantes dessa cultura e construa identidades afirmativa, podendo ainda a vir atuar sobre sua própria realidade e transforma-la de acordo com suas compreensões adquiridas (BRASIL, 2013).

Em síntese o aluno com sua bagagem agora adquirida ao decorrer dos anos no Ensino Fundamental II possui competências para analisar, experienciar e conviver em sociedade com possibilidades incríveis.

### 3 CAPÍTULO III – VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

#### 3.1 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ÓTICA DE PIERRE BOURDIEU

É importante quando se fala da violência, abarcar não somente ao plano físico, mas psíquico e moral, tal violência é o desrespeito é à negação ao outro, entra em questões de violação dos direitos humanos. Jovens destacam que a violência vem se tornando muito frequente no cotidiano escolar e que não reconhecem certos atos como violento o que agrava a situação. Ao passo que essas pequenas atitudes vão se tornando algo “normal”, acaba-se banalizando a violência, o que contribui para a formação de hábitos e atos influenciados por agressões e desrespeito ao outro, conforme Candau (2010).

Dentro da pesquisa embasamo-nos ao sociólogo Pierre Bourdieu que possui contribuições significativas para diversas áreas do conhecimento, especialmente na educação e cultura. Bourdieu cria o conceito de violência simbólica para narrar o processo que se perpetua e se impõe certos valores culturais.

Segundo Bourdieu, a sociologia possui esse papel, essa condição constante de criticidade. Para ele é a ciência que desvenda fatos e relações que talvez ficassem encoberto, ou que não se manifestam claramente, situações tidas como naturais muitas vezes, os quais muitos não desejam que sejam abordados ou desvelados. O objetivo da sociologia é permear esses conflitos, em processos de lutas, relações de poder entre outros aspectos da realidade social (AMÂNCIO, 2020). A criticidade que podemos encontrar na sociologia, nas pesquisas de Bourdieu foram essenciais para estimular nos alunos o pensamento reflexivo e crítico da Arte/Dança ao decorrer da pesquisa.

As estruturas de dominação são um produto incessante, contínuo e possuem um histórico de reprodução, onde existem e colaboram atuantes específicos, como por exemplo, os homens, a violência física e a violência simbólica, também como as instituições, famílias, igrejas, escolas, estado, etc. (BOURDIEU, 2003) Ou seja, somos reprodutores de violência sem ao menos perceber, em qualquer ambiente em que estejamos inseridos podemos reproduzir a violência simbólica.

Uma vez que o termo “simbólico” quando tomado em seus sentidos mais correntes se dá a entender que ao destacar a violência simbólica diminui-se a ação

da violência física, nos estudos de Bourdieu não é o caso. O autor aponta “simbólico” como o contrário do real e menciona que essa violência simbólica é tida como uma violência “espiritual” e incontestavelmente sem resultados reais (BOURDIEU, 2003).

A temática sobre violência simbólica muitas vezes é ignorada, é, com efeito, esse poder invisível, o que se torna necessário saber descobri-lo nas entre linhas na sociedade (BOURDIEU, 1989). De acordo com Ramos (2021) a violência simbólica é sutil, porém agressiva, mesmo estando disfarçada suas consequências são enormes, muitas vezes cresce pela cumplicidade dos que são oprimidos por ela que muitas vezes não as identificam.

Pode-se entender que a violência simbólica é uma violência sutil, insensível, ela é invisível para suas próprias vítimas, é exercida pela mídia, pela comunicação o conhecimento ou desconhecimento mais precisamente falando. A dominação simbólica se estabelece através de um reforço de pensamentos e predisposições alinhados às estruturas impostas, os dominados por essas estruturas imposta não conseguem rompe-las e conspiram muita das vezes para a sua própria dominação (BOURDIEU, 1975; 1998; 2003 *apud* BICALHO; PAULA, 2009).

Ainda Bourdieu (1997) citado por Jubé, Cavalcante e Castro (2017) considera a violência simbólica toda coerção que apenas se estabelece através da adesão, aceitação que o dominado acorda ao dominante, ou seja, à dominação. Ela se apoia, no reconhecimento de uma imposição determinada, sendo ela econômica, social ou simbólica.

Portanto, essa violência invisível que podemos encontrar em vários campos, se dá na construção contínua das crenças no processo de socialização, onde o indivíduo se posiciona seguindo os costumes e padrões do que é dito no espaço social que está inserido. Nessa informação dos discursos e falas dominantes, Bourdieu considera a violência simbólica manifestação desse conhecimento por meio do reconhecimento da força dessa fala dominante, do mesmo modo a violência simbólica é um meio de exercer o poder simbólico (JUBÉ; CAVALCANTE; CASTRO, 2017). Corroborando com essa fala Bourdieu (2003, p.52) afirma “O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder.”

O poder simbólico é adquirido e conservado através da obediência, subserviência às regras de funcionamento do campo (seja ele intelectual,

religioso, familiar, educacional), mesmo os mais letrados, como cita o autor tais quais engenheiros, jornalistas, professores, escritores, estão em muitas vezes prestando seus artifícios e serviços técnicos ou simbólicos aos dominantes, de um modo imperceptível (SOARES; PAIXÃO; BACELAR, 2020, p 103).

Bourdieu (2003) afirma, mesmo que pareça se apoiar na força bruta, nas armas e no dinheiro, reconhecer essa dominação que acabamos de mencionar supõe sempre uma atitude de conhecimento. Desvelar essa violência simbólica não é uma tarefa rápida ou fácil, porém, estimular, despertar e informar acerca de sua existência e imposição, exercita a consciência sobre o que nos é apresentado, seja no ambiente familiar, econômico, político ou escolar. A temática em questão quando de frente aos adolescentes em uma sala de aula, se torna grande aliada na formação e um avanço na autonomia e pensamento investigador daquilo que é imposto nos meios de comunicação e sua realidade social (LIMA; NASCIMENTO; FARIAS, 2011).

### 3.2 IDENTIFICANDO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

As estruturas de dominação como visto no capítulo anterior são produzidas de modo contínuo e incessante com o histórico de reprodução, podemos encontrar esses atuantes em diversas áreas, como por exemplo, nos homens, na violência física, em instituições como as famílias, as igrejas, as escolas, os meios de comunicações etc. (BOURDIEU, 2003).

Conforme Bourdieu (1998) as pessoas são reprodutoras das instituições sociais através de suas ações e escolhas, porém não fazem isso conscientemente, elas reproduzem condutas, costumes e *habitus*. Ou seja, o *habitus* vem atuar como intervenção externa que se transforma em parte dos indivíduos (JUBÉ; CAVALCANTE; CASTRO, 2017).

Encontramos nas obras de Bourdieu alguns exemplos de dominação, como por exemplo, o assunto referente a construção social das relações de parentesco, mais especificamente a do casamento, aqui se dá a relação do homem com a mulher e a violência que não percebemos do machismo imperado por muito tempo nessa relação. Para o autor as mulheres nesse lugar, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a serem negadas, fazem assim a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação. Os homens estão presos sem

perceberem, na representação dominante muita das vezes, ambos aqui vítimas dessa reprodução, assim, vimos a diferenciação ativa em relação ao sexo oposto e como a violência simbólica se assume no ambiente familiar Bourdieu (2003).

De acordo com Ramos (2021) a violência simbólica é encontrada tanto nos lugares mais simples quanto nos mais intelectuais, no discurso do diretor da escola, do mentor ou pastor, na fala do professor, nas obras do artista. Em todos os locais é possível encontrar focos de violência simbólica, inclusive em espaços onde a mesma deveria ser combatida, por exemplo, a escola.

No âmbito escolar o processo de dominação acontece de várias maneiras. O que presenciamos na escola sobre violência é na maioria das vezes a mesma violência vivenciada nas famílias e na sociedade. O aluno geralmente reproduz em sala de aula o que presenciam no ambiente familiar, nas suas relações sociais na rua e etc. Existe uma contínua e crescente banalização da má educação, da ausência de consciência e limites, uma violência instalada nos lares, nas mídias, nas escolas, na sociedade. Portanto, a violência vivenciada no âmbito escolar é o reflexo de um fenômeno que se alastra em espaços sociais distintos, reflexo de uma sociedade violenta (JUBÉ; CAVALCANTE; CASTRO, 2017).

Toda violência exercida na escola, tanto a consciente como a inconsciente, são malélicas, nocivas e devem ser banidas desse ambiente. A escola deveria ser local de educar, formar, transformar, de incluir, de conhecimento, conquistas, aprendizados e relações sociais; porém, muitas vezes não tem desempenhado esse papel e, muitas vezes, reproduz atos violentos da sociedade. A educação tem papel fundamental nessa perspectiva, pois através dela, o homem pode ser transformado e não somente reproduzir a sociedade (JUBÉ; CAVALCANTE; CASTRO, 2017, p 6-7).

A escola está cumprindo de fato seu papel? Mesmo diante de tanta evolução e desenvolvimento nas áreas das ciências, do conhecimento e avanços tecnológicos. Apenas reproduzir saberes, deixar se dominar pela cultura dominante sem valorizar as características individuais do indivíduo, aumenta uma crítica feroz ao sistema educacional. A escola cobra dos alunos costumes, gestos, crenças e valores dos grupos dominantes, ela não é neutra, acaba exercendo a violência simbólica, de acordo como a instituição e o professor exerce a coerção, o aluno se vê dominado por ela, privado, impedido, frustrado do pensamento e a criatividade (JUBÉ; CAVALCANTE; CASTRO, 2017).

Estimular as reflexões sobre violência simbólica na escola é essencial na construção de consciência crítica e questionadora nos discentes, porém ainda percebemos uma certa negligência em construir esses caminhos do conhecimento, arte, educação, consciência crítica e sociedade.

De acordo com Strazzacappa (2001) poderíamos pensar que no caso da dança na escola, onde se trabalha mais a criação do próprio aluno do que a imitação, alguns estagiários que levam a dança para a escola se preocupam com o assunto de dar exemplos de movimentação, pois, percebem os alunos reproduzindo gestos vindo da televisão e das mídias, se não levam ou não assumem um papel de modelo para os alunos, a mídia se apropria desse lugar a todo momento, cada vez mais rápido, alastrando uma visão distorcida de certos temas.

A mídia assume um lugar de falas e dita comportamentos na sociedade que muitas vezes não percebemos. É possível encontrar a violência simbólica na instituição do entretenimento e cultura, reforça-se a urgência de educar os alunos a alcançar a consciência crítica, sobre o que lhes é mostrado nas mídias e meios de comunicação de acordo com (LIMA; NASCIMENTO; FARIAS, 2011).

#### 4 CAPÍTULO IV – PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

A pesquisa engloba questões do ensinar dança potencializando o lado crítico e reflexivo dessa linguagem com a temática de violência simbólica, teve um olhar investigativo para com o aluno, por meio de suas vivências escolares, familiar e da comunidade onde vive, valorizando essa experiência para sua expressão corporal autêntica e autônoma. Desta maneira percorremos pela natureza básica para aprofundar o conhecimento científico do tema em estudo. Acerca da parte filosófica dentro da pesquisa foi utilizado da fenomenológica que observa a experiência, visando resultados da experiência humana conforme Gil (2008). Buscamos respostas e reflexões acerca do tema proposto, tendo cunho da parte procedimental a abordagem qualitativa, na pesquisa qualitativa o pesquisador mantém contato direto com o ambiente, o que precisa de um trabalho mais intensivo de campo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A presente pesquisa foi do tipo exploratória, as pesquisas exploratórias proporcionam uma ligação com o problema, para torná-lo mais compreensível ou até a estabelecer hipóteses, estas pesquisas tem como principal objetivo o refinamento de ideias ou de abrir novas possibilidades de percepções afirma Gil (2002). A pesquisa exploratória é voltada na maioria das vezes para aplicações práticas, sendo mais realizados por organizações como instituições educacionais (GIL, 2002).

A amostra deste estudo foi estruturada por adolescentes do o 9º ano do ensino fundamental II, entre 14 e 15 anos de idade de ambos os sexos. O local do estudo foi a Escola Estadual Carvalho Leal, na rua Borba, S/N na zona sul da cidade de Manaus -AM. Foram observados primeiramente as vivências de trabalhos que os alunos já tinham desenvolvido sobre dança. A turma selecionada já havia desenvolvido alguma atividade de dança no ano anterior.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados foram quatro (4) encontros presenciais com a turma do 9º ano, e, para eles foram elaborados planos de aulas a partir das técnicas em dança de Rudolf Laban abordando o tema violência simbólica, demonstrando que é possível aglutinar em arte uma ponte entre teóricos da dança com da sociologia.

As vivências ocorreram na sala de aula, sendo realizadas duas vezes na semana, proporcionando aos alunos experiências em dança-educação. De início, foram realizadas discussões sobre as letras das músicas “Mulheres” de Martinho da

Vila” e “Nós somos mulheres” de Samba Que Elas Querem e propostas em corpo ampliadas ao longo dos encontros. A dança nessa pesquisa veio com proposta de corpo com finalidade reflexiva, onde ao observarem temáticas sociais por meio de letra de música, os alunos foram estimulados corporalmente com técnicas de dança que os possibilitaram experienciar novas leituras e percepções.

Foi empregada a técnica de estudo de campo que foca em uma comunidade por meio de observação direta das atividades realizadas no grupo estudado de acordo com Gil (2002). Ou seja, percorrer pelo ambiente em que acontece as relações da pesquisa, que neste processo se direciona para a área educacional, proporcionando a reflexão dos discentes acerca de temática social através da arte. Também para a coleta de dados foi utilizado o Diário de campo, visando o registro dos acontecimentos no decorrer da aplicação da pesquisa. “Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 76). Foram realizados registros fotográficos e videográficos, para o proceder da análise de dados.

Como mencionado foi trabalhado com os alunos falas de temáticas sociais nos quatro encontros com a linguagem da dança nas técnicas de Rudolf Laban atrelada as letras de músicas “Mulheres” de Martinho da Vila e “Nós somos mulheres” de Samba Que Elas Querem. Foram explanados através da letra da música reflexões sobre o machismo e o feminismo em primeiro momento, onde os alunos expuseram corporalmente as sensações e significados que carregam a temática. Vale destacar que o intuito deste trabalho não é discutir diretamente somente sexualidade e suas implicações socioculturais, mas sim abordar por meio da arte uma reflexão em torno de temáticas complexas, sérias e delicadas o quanto a violência simbólica pode ser identificada e futuramente combatida. Logo quanto as músicas utilizadas elas poderiam ter sido quaisquer outras que também fizesse menção a temas sociais relevantes.

Foi realizada a descrição dos encontros realizados com os estudantes. O cronograma para a aplicação da pesquisa foi organizado consoante o calendário da escola e ficou definido da seguinte maneira: duas aulas na semana para aplicação, com a permissão da diretoria da escola pude contar com 4 tempos de aulas durante esses dias, totalizando então um conjunto de doze aulas desenvolvidas de pesquisa de campo todas com 45 minutos de duração.

Devido aos alunos serem menor de idade os pais e responsáveis foram contactados e devidamente informados por meio do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que explanou sobre o objetivo da pesquisa, quanto aos procedimentos que foram utilizados e seus pormenores necessários para a realização da mesma e os próprios alunos, em respeito a autonomia tiveram acesso ao documento Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE). A finalidade do TCLE e do TALE é explicar e proteger os indivíduos incluídos na pesquisa, tanto o pesquisador quanto aos participantes, se manifesta por meio desse o respeito e ética no processo do trabalho.

## 5 CAPÍTULO V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste tópico serão relatadas as experiências pedagógicas que aconteceram por meio da linguagem da dança com proposta reflexiva em torno do tema violência simbólica. Ao decorrer de cada aula que será descrita, é possível perceber que os conteúdos implícitos existentes na forma de executar movimentos ou analisar ou criar em dança, o ato da criatividade e criticidade traz possibilidades de representação das ideias abstratas e com sua execução promove o estímulo do pensamento reflexivo.

Com a proposta de trazer os 4 fatores do movimento da técnica de Laban, grande potencial não apenas no campo da dança como também na psicologia, nos esportes e na educação como afirma Moraes (2013), o objetivo de estudar qualquer movimento é contribuir para os adolescentes de maneira mais reflexiva de pesquisa em dança. Desde o primeiro encontro observei alguns adolescentes com resistência ou indiferença sobre o tema "Arte", existe todo um contexto sociocultural atrelado a essa reação e isso reflete em toda forma de apreciação de arte para os jovens dessa geração dentro da escola pública. Contudo percebi o esforço dos mesmos em fazer a aula, observo alunos que se lançam na proposta e a cada encontro me surpreendiam com sua desenvoltura e troca. Nesses alunos pude encontrar no final uma consciência de corpo e percepção mais aguçada na leitura do que é dança e como falar através dela.

O cronograma para a aplicação da pesquisa foi organizado de acordo com o calendário da escola e ficou definido da seguinte maneira: duas aulas na semana para aplicação, pude contar com 4 tempos de aulas durante esses dias, totalizando então um conjunto de doze aulas desenvolvidas de pesquisa de campo todas com 45 minutos de duração. Os encontros foram realizados dentro da sala de aula, com o intuito de experimentar a movimentação no seu espaço do cotidiano e a interação com os demais colegas de turma. Nos relatos dos alunos por motivos éticos seus nomes serão classificados com nomes de frutos amazônicos como por exemplo, estudante açaí, estudante tucumã, estudante cupuaçu, entre outros.

## 5.1 ENCONTRO 1 – Violência invisível?

Objetivo: Identificar as diferentes formas de violência, a partir de situações próximas ao universo dos adolescentes e compreender criticamente as manifestações dos tipos de violência em seu dia a dia.

No primeiro momento dessa pesquisa foram colocadas no quadro questões para introduzir os alunos na temática da pesquisa acerca da violência, como eles definiriam violência? E como diminuir as situações de violência na escola, na família e na comunidade? O que eles poderiam fazer a respeito? Ao longo das perguntas as respostas foram sendo inseridas no quadro.

Algumas respostas foram breves e pontuadas como vemos abaixo:

“Violência pra mim é tudo que ofendeu o físico ou verbalmente”.

“Algo ruim que pode machucar as pessoas tanto fisicamente quando no emocional”.

“É alguém que bate em outra pessoa”

“Machucar alguém por egoísmo”

“O que existe muito em nosso dia a dia e aqui na escola”

“Com certeza é algo como a agressão física e pode ser também verbal”

Sobre a questão seguinte sobre como diminuir a violência e o que poderíamos fazer a respeito para modificar tal realidade:

“Precisamos ser mais pacientes e podemos fazer nossa parte como cidadão”

“Ser mais gentil e buscar entender as pessoas”

“Ter mais conhecimento e ser uma pessoa melhor a cada dia”

“Eu acho professora que a gente tem que estudar e fazer a nossa parte”

“Denunciar quando vemos alguém sendo maltratado”

Observamos que a leitura dos adolescentes sobre o tema violência se limita nos aspectos físico ou verbal.

O foco deste encontro concentrou-se em conhecer, os conhecimentos e percepções da turma em primeiro momento acerca do tema violência, a sala entrou em um diálogo aberto e livre, existindo uma troca muito interessante.

No segundo momento foi explanado sobre o conceito de violência simbólica sendo dados alguns exemplos de como a violência atua no cotidiano, em seguida formaram grupos com 5 pessoas e se estabeleceu 7 grupos mistos no total, com o grupo os alunos discutiram e compartilharam entre eles suas visões. Solicitei aos alunos que escrevessem em um papel suas conclusões quanto à algumas violências que acontecem na escola na comunidade na família. Novamente, o que para eles era violência? Já tinha vivido algum tipo de violência? E se eles podiam identificar algum tipo de violência simbólica. Essa parte foi importante para o andamento da pesquisa, pois através dessa troca os adolescentes se percebem e percebem o outro, interagindo entre si, dentro desse processo eles tiraram as dúvidas sobre violência simbólica, nesse ponto um olhar mais sensível sobre a temática é estimulado mesmo timidamente percebeu-se um avanço, quando questionados os principais relatos foram:

Estudante Açai:

“Bem começamos a falar quando eu faço “besteira” eu apanho, as vezes eu mereço, porém chega a ser violência física, por exemplo, eu já apanhei de barra de ferro, então quando eu faço algo errado já sei que vou ter a consequência, presenciei meu pai praticando a violência verbal também”.

Estudante Bacaba:

“Já presenciei violência verbal(bullying), violência física, como brigas fúteis por motivos simples de se resolver na conversa”.

Estudante Camu-camu:

“A violência que mais eu sofro são as agressões verbais e o racismo. Sofro racismo desde pequeno, agora não dói tanto já me acostumei, então, pra mim quando as pessoas me olham muito e as vezes me falam palavras pesadas eles pensam que é brincadeira mais as vezes me machuca é uma violência que nem precisei apanhar pra doer, me entende”.

Estudante Uxi:

“Bem, eu presenciei uma violência ontem, uma mulher roubou o carregador de um jovem e esse jovem bateu nessa mulher, ele chamou a polícia e a mulher não foi presa”.

Estudante Buriti:

“Eu já sofri assédio de um homem quando tinha 7 anos, sofri bullying de meninas que fingiram ser minhas amigas, eu cresci com uma avó alcóolatra, então ela sempre me batia sem motivo, praticamente todas as mulheres que eu conheço já sofreram machismo ou foram assediadas, sempre fui excluída de todos da minha família, só isso eu acho.

Estudante Cubiu:

“A violência que mais eu vejo é homem que grita com mulher, querendo bater e eu não acho isso certo”

Estudante Ingá:

“Na antiga escola que eu estudava erar muito comum chamarem um menino lá da sala de macaco ou preto e de outras palavras pesadas pela cor da sua pele. Quando eu tinha uns 4/5 anos, tinha um homem que me assediava, me tocava e eu não fazia nada porque eu não entendia o que era, e praticamente me colocava em cima de seu colo, eu sempre ficava com medo quando ele se aproximava de mim. Tenho um tio na minha família que chamava o irmão gêmeo do meu pai de gay só porque ele não é comprometido com ninguém e mora na casa da minha avó. Uma vez fui comprar pão com minha prima, ela caiu e machucou o joelho e começou a chorar porque disse que e o pai dela ia bater nela. Já ouvi de um senhor falando para um homossexual que se o filho dele fosse gay, ele iria bater tanto no filho até ele começar a chorar e virar homem outra vez “.

Estudante Inajá:

“Sofri muita agressão a minha infância toda pelos meus primos, eles bagunçavam comigo e tiravam graça de mim, as vezes me excluía das brincadeiras por eu ser a mais nova e me batiam”.

Estudante Maracujá do mato:

“A violência que mais vejo e convivo é as agressões verbais geralmente com as pessoas da família”.

Estudante Graviola:

“Algumas frases que eu escuto que são pra mim violência. Racismo, “seu macaco”, “volta pro chicote”, “seu preto”, “teu cabelo é duro”. Homofobia “vira homem”, “seu viadinho”, “marica”. Violência contra a mulher, “lugar de mulher é na cozinha”, “foi só uma vez, ele não vai mais me bater, ele me ama”, “você depende de mim”. Assédio e ameaça, “ou você me obedece ou eu vou bater em você”, “socar a tua cara moleque”, “fiu fiu que gostosinha”, “Ei” princesa, você é tão gata, vamos entrar?”.

Estudante Pajurá:

“Antes eu morava no bairro Petrópolis, lá existia todo tipo de violência, mas a mais grave que ocorreu lá foi que um dia um dos trabalhadores que estavam de serviço na obra por lá, agrediu mãe do patrão que estava cobrando dinheiro para comprar drogas”.

Estudante Patauá:

“Eu estudava em uma escola que tinha muita coisa e nessa sofri muito as pessoas falavam que eu não era pra estar lá tinha um menino que falava que eu devia me matar que eu era muito alegre, que eu tinha que mudar o meu jeito e isso me doeu, eu fiz certas coisas e tentei muitas coisas ruins contra mim. Já vi violência de um cara bater alguém da minha família e é por isso que sou assim hoje”.

Estudante Camapú:

“A violência acontece de algumas formas por exemplo, meu padrasto agrediu muito minha mãe com palavras e teve muita violência física com machucado, tem homens por ai que batem em suas mulheres, as vezes pessoas agredem os outros que nem ela mesmo percebe isso, tiram brincadeira sem graça, tem gente que fica magoado com esse tipo de brincadeira. Tem pessoas que sofrem ameaças pelo ex marido, por alguma pessoa e tem pessoas que fazem violência contra si mesma, adolescente que se cortam tenta se matar de várias formas. Tem gente que sofre várias violências por exemplo, violência física, violência psicológica e violência sexual de todas as a violência sexual acontecem bastante e no mundo todo”.

### Adolescentes e suas percepções sobre violência

Tipos de violências encontradas	Ideias centrais que se repetiu nas falas
Violência física, Violência contra a mulher, Racismo, Violência verbal.	<p>“(…) eu já apanhei de barra de ferro, (…)” (Estudante Açaí). “(…) violência física, como brigas fúteis por motivos simples de se resolver na conversa” (Estudante Bacaba). “Sofri muita agressão a minha infância toda pelos meus primos (…)” (Estudante Inajá). “(…)meu padrasto agrediu muito minha mãe com palavras e teve muita violência física com machucado (…)” (Estudante camapú). “(…)Já vi violência de um cara bater alguém da minha família (…)” (Estudante Patauá). “Eu já sofri assédio de um homem quando tinha 7 anos, (…), praticamente todas as mulheres que eu conheço já sofreram machismo ou foram assediadas (…)” (Estudante Buriti). “(…) Sofro racismo desde pequeno(…)” (Estudante Camu - camu). “(…)agressões verbais geralmente com as pessoas da família” (Estudante maracujá do mato).</p>

QUADRO 1: Ideias centrais (SILVA; RAMOS, 2023)

No decorrer das falas produzidas em resposta à pergunta sobre violência, podemos indicar que a visão que os adolescentes possuem referente ao tema, são aquelas violências mais visíveis e encontradas com facilidade no seu dia a dia, onde muitas das vezes presenciam as sofrem. No relato do estudante “Bacaba” e “Açaí” vimos que dentre as percepções de alguns adolescentes a violência física se destaca, muitos da turma apontaram algumas violências que presenciaram no ambiente da escola, nas ruas e na própria família.

Ao entrar na temática “violência”, algumas alunas e alunos conversaram com a pesquisadora em particular alegando que sofriam ou sofreram agressões, violências verbais, assédio entre outros tipos de violências. Muitas se sentiram confortáveis de abrir o que estava acontecendo em suas casas, mediante a várias situações parecidas, foram encaminhadas para a pedagogia da escola.

## 5.2 ENCONTRO 2 – Rodizio dos 4 fatores do movimento

Objetivo: Identificar as diferentes formas de violência, a partir de situações próximas ao universo dos adolescentes com o auxílio dos 4 fatores do movimento. Identificar situações de violência na escola e na comunidade contra as mulheres, por meio da criação de movimentos.

Nesse encontro aconteceu a exploração de movimentos, usando a técnica de Rudolf Laban os 4 fatores do movimento o que foi primordial para o contato dos alunos quanto a linguagem da dança, visto que 85% dos adolescentes não haviam tido nenhuma experiência com dança, trabalhou-se com os discentes o processo investigativo do seu corpo, trabalhando suas singularidades dentro dos movimentos utilizando os fatores peso, ritmo, fluência e tempo.

Em primeiro momento dividiu-se a turma em dois grupões, o primeiro fazia o movimento e o outro assistia aos colegas. Deu-se início com o aquecimento, caminharam pela sala preenchendo os espaços vazios, em seguida fizeram o “rodizio dos 4 fatores dos movimentos”. A sala foi dividida em quatro fatores sendo elas o peso, ritmo, fluência e tempo, foram entregues papéis com as descrições de cada fator.

Figura 1: Início de movimentos



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Antes de iniciar a rodada mostrei exemplos corporais em cada estação dos fatores, em seguida ainda sem a música, os grupos ficaram em cada fator por volta de 1 à 2 minutos e sucessivamente seguia o fluxo até que todos passaram nos 4 fatores do movimento explorando dentro de cada fator seus sub itens, como no espaço, trabalhando dimensões, níveis, direções, no fator tempo movimentos rápidos e lentos, na fluência movimentos controlados e livre e no fator peso movimentos leve e pesado. Logo depois, com uma música instrumental repetiu-se o rodízio a turma fez a atividade mostrando micro movimentos e alguns alunos do grupo 3 e 4 começaram a sentar e não finalizaram a atividade.

Em seguida foram selecionados para os grupos que participaram ao final da rodada introdutória, quatro tipos de violências, com uma descrição escrita em um papel elas foram a violencia simbólica, cyberbullying, violência intrafamiliar e o bullying. Esses grupos escolheram os movimentos que mais gostaram dos 4 fatores dos movimentos, e a partir disso, criaram movimentos que mostrassem sobre o tema selecionado, eles interagiram bem com a temática do Cyberbullying e Bullying pois está mais dentro da rotina dos mesmos.

Os estudantes foram desafiados posteriormente a trazer em movimento o que haviam compreendido sobre o tipo de violência selecionada, observamos os alunos resistentes quanto ao corpo. Mais uma vez os grupos 3 e 4 não fizeram a parte do corpo e preferiram não participar.

Os grupos 1 e 2 que participaram tiraram dúvidas sobre o corpo e se preocuparam em como passar a mensagem por meio do movimento, interagiram e trouxeram ideias. Os que ficaram com o tema Bullying grupo 1 mostraram

movimentos, utilizaram o peso, fluência e tempo, movimentos como surras no ar em velocidades rápida e lenta, explorando os planos médio e baixo, montaram uma história dentro da temática, onde um dos adolescentes sofria e os outros praticavam a violência na cena, em câmera lenta moviam os lábios como se estivessem agredindo com palavras e gesticulando com os braços com murros no ar, em seguida em tempo rápido alternando em nível baixo e médio simulavam brigas. Esse grupo era composto apenas por meninos. O outro grupo apenas descreveu como seria em corpo, porém não fizeram os movimentos por estarem com vergonha.

Figura 2: Rodizio dos 4 fatores do movimento



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Nesse encontro a turma estava bastante agitada o que complicou em reter a atenção, os alunos que não realizaram a atividade ficaram sentados e em alguns momentos atrapalhavam os colegas. Porém o encontro dos 4 fatores do movimento foi concluído.

Trazer essa proposta de reflexão e pensamento crítico se torna um desafio muito grande, mesmo os adolescentes estando na fase em que deviam estar trabalhando dentro da escola acerca desses discursos, de acordo com documentos como a LDB, BNCC entre outros o que muitas vezes não é a realidade pública. No ensino fundamental os alunos necessitam ampliar e vivenciar nas práticas artísticas uma reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos que experimentam afirma Brasil (2017). Porém observamos como os alunos estavam fechados enquanto movimento, isso ocorre muitas vezes pela violência simbólica da própria escola quando não permite o movimento em sala de aula, os alunos são impedidos de ampliar seu repertório corporal com a vivência. Os fatores externos

muitas das vezes, seu cotidiano familiar, situação socioeconômico, sociocultural. refletem consideravelmente em seus corpos. Como mencionado “As crianças, comumente, em todas as sociedades, são atentas em demasia aos gestos, posturas e modos de expressão de terceiros, captando tudo aquilo que indica o adulto, de modo que crescem e repetem sem questionar os feitos corporais desses” (Ramos, 2021, p 50.). Na visão Bourdieusiana o corpo seria esse mediador prático entre o que é simbólico e social, o corpo é memória, que vai guardar os juízos básicos do árbitro cultural assumido pelo *habitus* Ramos (2021).

Quanto ao corpo e o não movimento Strazzacappa (2001) amplia esse olhar corpo na educação em questões históricas pertinentes, onde menciona sobre a noção de disciplina dentro do âmbito escolar ser sempre o “não se movimente”, pois os estudantes “educados” e comportados eram os que não se moviam e ficavam quietos. A autora ainda menciona que o corpo está em contínuo desenvolvimento e aprendendo sempre, somos o nosso corpo e tendo ou não uma vivência em corpo, a educação do corpo está sendo realizada.

Agora conduzir os adolescentes para essas reflexões através da arte, principalmente quando propomos o movimento corporal, percebemos um vácuo muito grande. Os discentes não tiveram acesso ao próprio corpo dessa maneira com finalidade reflexiva, ao ponto que a maioria dos contatos através da disciplina de arte com a dança foram com fins de mostras pedagógicas, show de talentos e eventos escolares como dito pela professora de artes:

(...) tivemos o *flasmob* no ano passado, as festividades como arraial que tem na escola, tivemos também um evento chamado show de talentos em que eles se expressaram com a dança. Promovemos os jogos de competição contra as turmas o que os alunos gostam bastante e mostra pedagógica, por enquanto é o que conseguimos fazer na escola.

O trabalho com a dança na escola muitas vezes não é visto como importante comparado com outras disciplinas, as oportunidades que a escola permite ainda são limitadas o que também é um fator a ser destacado. De acordo com Pinto (2015) não devemos ser contra as festividades que já ocorrem na escola, porém é preciso rever em como ela está sendo apresentada aos estudantes. Pois a dança acaba servindo para o dia dos pais, dia das mães, festa de páscoa, feira cultural entre outras, se transformando em adorno dos eventos na escola, com isso perdem-se as

possibilidades de encontrar na dança caminhos para estimular a crítica e fazer/pensar.

### 5.3 ENCONTRO 3 – Letra e Música

Objetivo: Facilitar o reconhecimento das violências simbólicas existentes no cotidiano, identificando situações de sexismo presentes em letras de músicas.

Voltamos à aula anterior onde foram dados exemplos de violências simbólicas e da parte prática realizada. Retomaram para os grupos, sendo solicitado aos alunos buscarem na internet sobre letras de músicas atuais as quais eles gostassem de ouvir e que tivesse mensagens estereotipadas sobre as mulheres e os homens. Alguns alunos, por exemplo buscaram no Google e encontraram a música Loira Burra de Gabriel, o pensador: “existem mulheres que são uma beleza / mas quando abrem a boca, hum, que tristeza/ (...) bundinha empinada pra mostrar que é bonita / e a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta / Loira burra, loira burra...” ficaram impressionados com o conteúdo e o discurso na letra, alguns estudantes compartilharam sobre o que achavam da letra e discutimos com a turma sobre.

Figura 3: Analisando Músicas



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Nesse processo percebemos todos muito engajados foi algo mais livre, participaram procurando músicas e mostrando a violência simbólica encontradas nelas. Solicitamos que analisassem a música dando mais atenção na mensagem que a letra carregava. Muitos ainda estavam confusos sobre a violência simbólica ao decorrer do processo perguntavam e sanavam as dúvidas. Alguns alunos ficaram

chocados com o conteúdo que eles mesmo escutam. Selecionei duas escolhas dos alunos a “surubinha de leve” e “Malandramente Dennis e Mc’s Nandinho & Nego Bam”, coloquei para toda a turma ouvir. Nesse momento muitos riram e ficavam envergonhados com a letra da primeira música, incluindo o grupo que escolheu a música, que ficaram com risos envergonhados em mostrar pra mim, pois o conteúdo era de cunho sexual. Houve troca de informações sobre o que a letra das músicas falava e o tipo de violência que identificavam, violência contra a mulher, machismo foram comuns dentro das escolhas das músicas. Pois a maioria escolheu o estilo do funk ou rap que contém conteúdo de cunho sexista.

Debatendo, começamos a enxergar essas nuances (machistas, xenofóbicas, racistas, antropocentristas, homofóbicas, entre outros) na nossa cultura e no nosso cotidiano (músicas, filmes, desenhos, novelas, livros, roupas, hábitos, ditados, etc).

Durante esses encontros com os adolescentes pudemos propor novas formas de analisar e expressar com mais consciência. Seria o caso de criar mais mecanismos para debates e reflexões acerca dessas falas através da arte?

Observamos um olhar mais aguçado para identificar a violência simbólica nas letras de música, houve um refinamento desse pensamento mais crítico sobre o que eles estão ouvindo e consumindo.

Figura 4: O que essa Música diz?



Fonte: Acervo pessoal (2023)

No segundo momento foram distribuídas folhas com a letra da primeira música por Martinho da Vila, essa música foi selecionada para trabalhar com os

estudantes as questões sexistas e violência simbólica que possui em seu conteúdo, toda a sala ouviu a música e foi solicitado que, em grupos, anotassem qual o tipo de violência poderia ser identificado na canção. Posteriormente coloquei para ouvir a segunda música composição das mulheres “Samba que elas querem”, que vem se opor a primeira música. Abaixo a letra das duas músicas analisadas com os alunos:

#### Música 1 - **Mulheres - Martinho da Vila**

Já tive mulheres de todas as cores  
 De várias idades, de muitos amores  
 Com umas até certo tempo fiquei  
 Pra outras apenas um pouco me dei  
 Já tive mulheres do tipo atrevida  
 Do tipo acanhada, do tipo vivida  
 Casada carente, solteira feliz  
 Já tive donzela e até meretriz  
 Mulheres cabeça e desequilibradas  
 Mulheres confusas, de guerra e de paz  
 Mas nenhuma delas me fez tão feliz  
 Como você me faz  
 Procurei em todas as mulheres a felicidade  
 Mas eu não encontrei e fiquei na saudade  
 Foi começando bem, mas tudo teve um fim  
 Você é o sol da minha vida, a minha vontade  
 Você não é mentira, você é verdade  
 É tudo o que um dia eu sonhei pra mim  
 Já tive mulheres de todas as cores  
 De várias idades, de muitos amores  
 Com umas até certo tempo fiquei  
 Pra outras apenas um pouco me dei  
 Já tive mulheres do tipo atrevida  
 Do tipo acanhada, do tipo vivida  
 Casada carente, solteira feliz  
 Já tive donzela e até meretriz  
 Mulheres cabeça e desequilibradas  
 Mulheres confusas, de guerra e de paz  
 Mas nenhuma delas me fez tão feliz  
 Como você me faz  
 Procurei em todas as mulheres a felicidade  
 Mas eu não encontrei e fiquei na saudade  
 Foi começando bem, mas tudo teve um fim  
 Você é o sol da minha vida, a minha vontade  
 Você não é mentira, você é verdade.  
 É tudo o que um dia eu sonhei pra mim  
 Procurei em todas as mulheres a felicidade  
 Mas eu não encontrei e fiquei na saudade  
 Foi começando bem, mas tudo teve um fim  
 Você é o sol da minha vida, a minha vontade  
 Você não é mentira, você é verdade  
 É tudo o que um dia eu sonhei pra mim

#### Música 2 - **Nós Somos Mulheres Samba Que Elas Querem**

Nós somos mulheres de todas as cores  
 De várias idades, de muitos amores  
 Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei

De Elza Soares, mulher fora da lei  
 Lembro Mariele, valente e guerreira  
 De Chica Da Silva, Toda Mulher Brasileira  
 Crescendo oprimida pelo patriarcado  
 Meu corpo, minhas regras, agora mudou o quadro  
 Mulheres cabeça e muito equilibradas  
 Ninguém está confusa, não te perguntei nada  
 São elas por elas  
 Escute este samba que eu vou te cantar  
 Eu não sei por que eu tenho que ser a sua felicidade  
 Não sou a sua projeção, você é que se baste  
 Meu bem, amor assim eu quero longe de mim  
 Sou Mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade  
 Fui eu que descobri poder e liberdade  
 Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim  
 Nós somos mulheres de todas as cores  
 De várias idades, de muitos amores  
 Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei  
 De Elza Soares, mulher fora da lei  
 Lembro Mariele, valente e guerreira  
 De Chica Da Silva, Toda Mulher Brasileira  
 Crescendo oprimida pelo patriarcado  
 Meu corpo, minhas regras, agora mudou o quadro  
 Mulheres cabeça e muito equilibradas  
 Ninguém está confusa, não te perguntei nada  
 São elas por elas  
 Escute este samba que eu vou te cantar  
 Eu não sei por que eu tenho que ser a sua felicidade  
 Não sou a sua projeção, você é que se baste  
 Meu bem, amor assim eu quero longe de mim  
 Sou Mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade  
 Fui eu que descobri poder e liberdade  
 Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim  
 Eu não sei por que eu tenho que ser a sua felicidade  
 Não sou a sua projeção, você é que se baste  
 Meu bem, amor assim eu quero longe de mim  
 Sou Mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade  
 Fui eu que descobri poder e liberdade  
 Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim  
 Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim  
 Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim

Ao final de 15 minutos, solicitei que cada grupo apresentasse suas conclusões e as registrassem no papel (o que mais chamou a atenção deles como grupo na música) abaixo alguns relatos:

“O que entendemos desse texto (primeira música) que o homem é mulherengo não respeita as mulheres, ele não superou a suposta “amada” e com isso tenta matar a carência dele, usando as mulheres, pensando que a felicidade está nisso, aí ele usa as outras mulheres para tentar ser feliz”.

“Ele sofre de um amor que não aconteceu e se torna um mulherengo que apenas usa as mulheres e tem muitos relacionamentos vazios”.

“Nesse outro texto (segunda música) vejo as mulheres assumindo seu lugar e dando uma resposta para o outro cantor, elas são mulheres e são reais”.

“Nessa Música a gente consegue ver as mulheres como se estivessem revidando ao que o outro cantor falou na música dele. Achamos muito legal essa segunda letra, as mulheres se levantaram para falar sobre o que elas estavam pensando”.

Observamos uma interpretação e reflexão ainda tímida sobre a letra das músicas trabalhadas nesse segundo momento, comparada a primeira escolha das músicas escolhidas livremente pelos próprios alunos, em síntese percebeu-se que no primeiro momento do encontro os estudantes estavam mais solícitos e participativos. Como afirma Strazzacappa (2003) é importante acrescentar imagens, que façam parte do universo do cotidiano vivido pelo indivíduo, trazer um objeto para a experiência, pois quando esse objeto é visto, tocado, experimentado começa a ser parte do universo do indivíduo facilitando nessa troca. Então quando os alunos são estimulados em buscar algo que faz parte de sua realidade e seus gostos a participação é mais empolgante.

Percebendo a música como meio de perpetuar violência permitiu que os alunos estimulassem tais reflexões não apenas sobre a música, como também nas redes sociais, series, filmes que assistem como alguns alunos pontuaram dentro da sala que perceberam em uma cena de uma série, de um filme, um vídeo do *tiktok* a violência simbólica que conversamos dentro da turma. A Dança, assim como a música é uma arte antiga usada, especialmente, para expressar sentimentos. De suma importância para a humanidade, Nietzsche dizia, “que não podemos acreditar em um deus que não saiba dançar” ou que “sem a música a vida seria um erro”. Finalizamos o terceiro encontro com bastante diálogo sobre as violências encontradas nas letras de música.

#### 5.4 ENCONTRO 4 - Em dança, em reflexão.

Objetivo: Criação de movimentos a partir das análises realizadas do encontro passado.

Foram lembradas as análises realizadas na aula anterior, iniciamos a aula com um aquecimento e todos participaram, espalhando-se pela sala com caminhadas e movimentos de soltura do corpo, caminhando em meia ponta, ponta dos pés, em plano médio e alto, movimentos com os braços, cabeça, tronco, pés,

mãos. Relembramos no corpo os 4 fatores do movimento, aos poucos foram realizados movimentos mais intencionais sobre violência utilizando o peso, fluência, tempo e ritmo.

Figura 5: Movimento



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Dividiu-se em grupos 1,2,3,4 e 5 solicitando que criassem e pensassem em uma história em corpo sobre o que foi analisado na aula passada sobre as músicas tanto a que eles pesquisaram quanto as que foram mostradas a eles. Percebeu-se que ao solicitar a parte de movimentos da técnica de Laban, a turma toda mostrou grande resistência, não realizando a proposta em sua totalidade.

Um dos grupos que se negou a fazer deixou seu relato abaixo, quanto a pergunta (Porque não quiseram dançar?): " ...até achamos legal e lindo a arte da dança, mais é como uma roupa desconfortável pra mim, é lindo mais não estou confortável em entrar nela, por isso não quero participar".

Várias situações poderiam contribuir para essa negativa dos adolescentes sobre a aula prática, porém, um fator importante foi observado quanto a turma antes da aplicação da pesquisa, os professores apontaram um certo receio a turma, pois questionavam sobre o comportamento dos mesmos, pontuaram que os alunos eram desinteressados e dispersos sem vontade de fazer as atividades e sem esforço para cumprir seus deveres. Questionei a professora de artes sobre sua percepção quanto a esse fato e sua resposta abaixo identificou essa realidade:

(...) a pandemia os deixou mais acomodados e ociosos sem preocupação alguma com os estudos, pois sabiam que irão ser aprovados de qualquer maneira. Nosso papel hoje é resgatar os valores escolares com as turmas do 6° e 7° ano, porque com as turmas do 8° e 9° já não tem mais tempo.

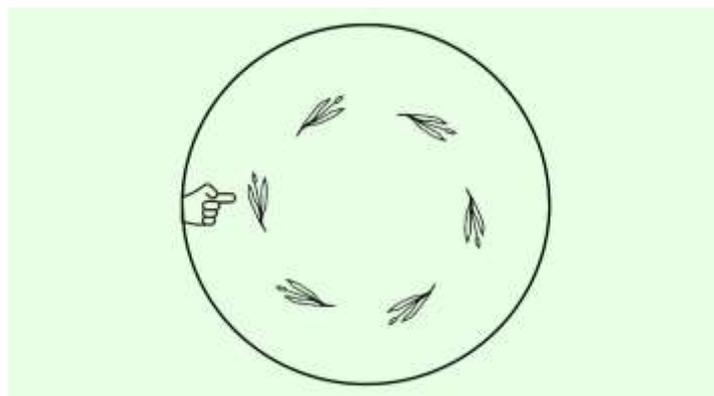
Ainda existe um corpo enfrentando e superando no âmbito escolar os desafios de uma pandemia mundial, não podemos deixar de salientar tais observações que nos contextualizam quanto a certas atitudes dos estudantes em sala de aula. Pela resistência dos alunos, a experiência corporal que seria proposta acabou não sendo realizada, quando solicitamos tais provocações e vem a recusa, esse já se torna um fator a ser analisado e ser observado com maior atenção.

Foi necessário alterações para dar o procedimento na aula, e dos 5 grupos que estavam participando apenas 1 apresentou algum resultado, onde eles descreveram como poderiam fazer em movimento suas conclusões acerca do que foi solicitado, porém não fizeram em corpo.

### **Descrição do movimento:**

Um círculo dentro de outro, no círculo de dentro eram as mulheres e o de fora era os homens, em movimento circular começariam a caminhar e os homens apontariam para as mulheres e elas se curvariam, os homens em tempo rápido e as mulheres em tempo lento e depois aconteceria o oposto, as mulheres com movimentos mais rápidos levantando e os homens com movimentos lentos se curvando.

Figura 6: Descrição do movimento



Fonte: Acervo pessoal (2023)

### **Roda de Conversa**

Nesse último momento foram selecionados dentro a turma 5 alunos que participaram e interagiram bem ao decorrer da pesquisa. Escreveram no papel o que

a experiência contribuiu para eles, e como se sentiam sobre os encontros realizados, suas considerações abaixo:

Estudante Tucumã:

“Nunca experimentei dançar com algum tipo de técnica e um tema como esse, sempre dancei como brincadeira. Quando a senhora nos conduziu e, por mais que parecesse difícil para eu acompanhar, nos mostrou que a dança tinha muitos modos e jeitos de falar sobre vários assuntos, o que me deixou bastante interessada”.

Estudante Cupuaçu:

“Essas aulas foram muito legais, as vezes ficava estressante por causa do barulho dos outros que não estavam prestando atenção mais fora isso eu gostei muito. Eu nunca tinha percebido algumas músicas que eu estuco, vou prestar mais atenção, a gente podia ter mais essas experiências na escola, não temos muito seria legal”.

Estudante Castanha do Pará:

“No começo pensava que não fazia muito sentindo fazer parte dessa pesquisa de dança, mas aprendi que não é só dança, é movimento, conversa, trabalho em grupo, e que ajuda muito a ter uma boa convivência e também me ajudou a se expressar mais. Amei muito!!”.

Estudante Jambo:

“Eu me senti bem satisfeita, e foi uma experiência maravilhosa! A dança me fez sair um pouco da minha zona de conforto, e foi ótimo pois eu conheci uma nova forma de ver a arte e de como ela pode falar sobre coisas serias”.

Estudante Pupunha:

“Eu nunca dancei e gostei dessa experiência é bastante legal. Quando falamos de violência na dança também gostei, consegui ver coisas que antes não via, por exemplo, nas músicas que escutamos na sala”.

Observamos como os adolescentes mesmo que timidamente mudaram suas percepções sobre o tema proposto, vislumbrando a importância de reflexões sobre assuntos sérios. O fato de não conhecerem nominalmente quanto aos tipos de violência simbólica em seu cotidiano escolar e familiar (locais com maiores indícios de violência na visão dos estudantes), não o impediram de notar que por meio da linguagem da dança juntamente com diálogos em coletivo, o estímulo a criticidade a reflexão e a autonomia sobre um tema bastante complexo é possível.

Percebemos como os adolescentes estão em frente a situações de extrema violência, em tudo praticamente que conhecem sobre o mundo, em suas famílias, na escola, onde moram, dentro do que eles consomem na internet, nas músicas que escutam e nas relações com os colegas na sala de aula, tudo aponta de forma direta para a violência de todos os tipos. A violência simbólica que é estrutural e se reproduz a gerações é passada em cada comportamento e está dentro dessa realidade de mundo deles, o que afeta profundamente seus comportamentos e suas

relações. A visão que os discentes têm deles mesmo e do outro é alterada, chegando em um ponto de falta de empatia, a violência se torna normal e aceitável em alguns casos, pois, ser combatida “(...) não é muito real é utopia” de acordo com a fala de um aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi compreender a relação estabelecida entre dança-educação e violência simbólica enquanto potencialidade aplicada ao ensino fundamental II. Para atingir este propósito, foram estudadas a trajetória da Arte/Dança, o adolescente nessa etapa da educação e os processos metodológicos nas aulas que incentivam as reflexões sobre violência simbólica. É fundamental que a instituição de ensino utilize métodos que permitam novas leituras de mundo aos discentes, onde o corpo, possa ser sensível de perceber e viver leituras críticas e reflexivas sobre temas que precisam ser discutidos na escola.

A literatura analisada revela que para entender os processos metodológicos do ensino da dança que estimule reflexões em torno de temas complexos, no caso a violência simbólica, é necessário promover ajustes na maneira como a dança é apresentada para esse público.

Contudo, na prática observada na Escola Estadual Carvalho Leal, fica claro que a linguagem da dança ainda tem um longo caminho a percorrer, a disciplina de Arte possui oportunidades restritas para trabalhar processos corporais reflexivos, a dança se encontra nos limites das atividades pedagógicas, de apresentações em datas comemorativas que reverbera na turma. A Dança traz diálogos e exploração desse corpo para criar e despertar a educação do movimento, havendo ou não atividade corporal no espaço educacional, já se observa a construção de um corpo. Quanto ao corpo e educação Strazzacappa (2001) afirma que abrindo ou não possibilidade para os alunos de criar movimento, oferecer ou não a investigação e criação com o corpo, estimulando ou contendo tais interesses pela dança na escola de uma maneira ou de outra o corpo já passa por um processo de educação. Pois, somos nosso corpo, ou seja, toda educação se torna uma educação do corpo. Estamos formando que tipo de indivíduos? Cabe refletirmos sobre esse assunto dentro do espaço escolar.

Nos quatro encontros com a turma, foi observado como os estudantes percebem e carecem de atividades que os estimulem a criticidade. Entendemos que é possível desenvolver metodologias que os façam ler o mundo nas lentes da arte, dialogar sobre violência simbólica através da linguagem da dança é um caminho possível com grande potencial na aprendizagem.

A violência simbólica está de fato impregnada na sociedade, percebê-la é para os poucos que aceitam desvelá-la, trazer seu conceito atrelada a dança foi um desafio de frente a turma do 9º ano, porém como disse a estudante “(...) a dança me fez sair um pouco da minha zona de conforto, e foi ótimo pois eu conheci uma nova forma de ver a arte e de como ela pode falar sobre coisas sérias”. Estimular tais reflexões se torna uma gota em frente a um oceano, porém, é um começo para que novos cidadãos possam combatê-la no futuro.

Diante dos dados obtidos, podemos afirmar que muitas intervenções, precisam ser realizadas para mudar esse quadro na educação pública e estimular corporalmente nos alunos a importância da dança/educação em seu desenvolvimento como cidadão. Pois, é preciso primeiramente quebrar paradigmas do que seja dança em sua formação para depois trabalhar temáticas mais complexas como aqui proposta a violência simbólica.

Através do corpo que se move, observa e experimenta, o adolescente tem a possibilidade de ler criticamente a sociedade em um processo de identificação, através da linguagem da arte, nesse caso o ensino da dança vem ser mediadora de tal aprofundamento que potencializa reflexões sobre questões complexas como a violência simbólica, fazendo leituras e análises relevantes da vida em sociedade. Como disse Marques (2010, p.147): “(...) A arte como linguagem tem o potencial de trazer para si múltiplos pontos de encontros entre pessoas que coabitam, produz diálogos com as dinâmicas sociais por meio de seus interlocutores.”

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Christiane. **A dança na disciplina de Arte: Transposição entre as linguagens artísticas.** Campo Grande, MS. Life Editora. 2021.

APARECIDA, Maria. **Sentir, Criar, Dançar: o autoconhecimento como fundamento para a dança- educação.** Salvador. P 22. 2007.

AMÂNCIO, Weslei Trevisan. **Surgimento, desenvolvimento e problematização da sociologia.** Composição, Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/compcs/article/view/5595>. 08 mar. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais** (org.) 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje.** Psicologia & Sociedade. Porto – Portugal, 2011.

BICALHO, Renata; PAULA, Ana. **Violência Simbólica: uma Leitura a partir da Teoria Crítica Frankfurtiana.** Curitiba – PB. En GPR. 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação.** Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **TEMAS CONTEMPORANEOS TRNAVERSAIS NA BNCC,** Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos. 2019

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais,** ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília, 1998.

BRANCO, Maria. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica.** Unisa Digital. 2006

BRANCO, Paulo. **DIÁLOGO ENTRE ANÁLISE DE CONTEÚDO E MÉTODO FENOMENOLÓGICO EMPÍRICO: PERCURSOS HISTÓRICOS E METODOLÓGICOS.** Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre, **A dominação masculina.** - 11° ed. -. tradução Maria Helena Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2012.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CAREGNATO, Rita; MUTTI, Regina. **PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DE DISCURSO VERSUS ANÁLISE DE CONTEÚDO.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários a prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica- Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS.** - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo. Atlas. 2002

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** -6. ed São Paulo. Atlas. 2008.

JUBÉ, Milene; CAVALCANTE, Claudia; CASTRO, Claudia. **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PARA PIERRE BOURDIEU: A RELAÇÃO COM ESCOLA CONTEMPORÂNEA.** Mineiros-GO. 2017

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ. 1999.

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

LIMA,L.P.; NASCIMENTO, R.G.; FARIAS, W.S. **INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NOS HÁBITOS CULTURAIS: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA A PARTIR DA RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA,** 2011.

MAGALHÃES, Solange. **A Epistemologia da Práxis como base do ensino criativo, colaborativo e inovador.** Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiás – GO.V.4. n.1.2019.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino.** 1. ed. São Paulo. Digitexto, 2010.

MORAES, Juliana Martins Rodrigues de. **Dança frente e verso.** São Paulo: SJT, 2013.

PAPALIA, Diane. OLDS, Sally. FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano.** 8ª edição. São Paulo. ARTMED® EDITORA S.A. 2006.

PENNA, Maura (Coord.); PEREGRINO, Yara Rosas; CARVALHO, Lívia Marques; FONSÊCA, Fábio do Nascimento. **É este o ensino de arte que queremos? uma**

**análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais.** João Pessoa: Universitária/CCHLA/PPGE, 2001.

PINELLI; Tania. LARA; Larissa. **TRÁ-LÁ-LÁ... QUE DANÇA É ESSA? FUNK NA ESCOLA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A LINGUAGEM CORPORAL.** 2007

PINTO, Amanda da Silva. **Dança como área de conhecimento:** dos PCNS à sua implementação no sistema educacional municipal de Manaus. Manaus: Travessia/Fapeam, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013

RAMOS, Érika da Silva. **Eu vejo, tu vês, ele vê: o corpo na percepção de pessoas com deficiência física.** Color. Manaus. 2021

SOARES, Artemis; PAIXÃO, Shigeaki; BACELAR, Ghislaine. **Corpo, sociedade e extensões.** São Paulo. Alexa Cultural. Manaus EDUA, 2020.

STRAZZACAPPA, Marcia. **Educação somática e artes cênicas: Princípios e aplicações.** Campinas, SP. Papyrus. 2012

STRAZZACAPPA, Marcia. **A Educação e a fábrica dos corpos: a dança na escola.** Cadernos Cedes. 2001

STRAZZACAPA, Maria. **Dança na educação discutindo questões básicas e polêmicas.** Campinas – SP. 2003.

TOMAZZONI, Air. WOSNIAK, Crist. MARINHO Nirv. **Algumas perguntas sobre dança e educação.** 1ª edição. – Joinville: Nova Letra, 2010.

## APÊNDICE

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO (ESAT)  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Eu Tayane Kerollen Alves convido você a participar do estudo intitulado **“Escola: Quando o ensino da dança propõe reflexões acerca da violência simbólica”** porque queremos investigar a relação “dança-educação x violência simbólica” enquanto ação nas aulas de arte do ensino fundamental II.

Para você ficar tranquilo, informo que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação e gostaria muito de contar com você, porém deixo claro que você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir.

A pesquisa será feita no/a Escola Carvalho Leal, onde você participará de quatro encontros que englobam questões do ensino de dança potencializando o lado crítico e reflexivo dessa linguagem com a temática de violência simbólica.

Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis poderá(ão) nos procurar pelos contatos que estão no final dessa página.

Muito importante reforçar que as suas informações ficarão sob total sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar (dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações) dos participantes crianças/adolescentes).

Fica ainda disponibilizado o endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728, Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-Am, que funciona de 2ª a 6ª Feira, das 14h às 21hs.

Pesquisadora: Tayane Kerollen Alves

Endereço: Rua Plínio Paiva, Cidade nova

E-mail: tayanek@outlook.com

Manaus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Assinatura